

Ana Santiago
Sofia Paixão

6.º Ano
Português

Caderno ^{de} apoio ao professor

P6

MATERIAL EXCLUSIVO
Professor

Proposta de anualização do 2.º ciclo

Dicionário Terminológico - principais alterações

Acordo ortográfico - por Paulo Feytor Pinto

Guiões de leitura e escrita - cenários de resposta

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO PROJETO	3
RECURSOS MULTIMÉDIA	4
CRITÉRIOS DE ANUALIZAÇÃO	5
PROPOSTA DE ANUALIZAÇÃO DO 2.º CICLO	6
DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO – PRINCIPAIS ALTERAÇÕES	20
ACORDO ORTOGRÁFICO – POR PAULO FEYTOR PINTO	40
GUIÕES DE LEITURA E ESCRITA – CENÁRIOS DE RESPOSTA	43
• <i>O Rapaz de Bronze</i>, Sophia de Mello Breyner Andresen • <i>Ulisses</i>, Maria Alberta Menéres • <i>Primeiro Livro de poesia</i>, seleção de Sophia de Mello Breyner Andresen e ilustrações de Júlio Resende • <i>O Príncipezinho</i>, Antoine de Saint-Exupéry • «A árvore», Sophia de Mello Breyner Andresen • «O espelho ou o retrato vivo», Sophia de Mello Breyner Andresen	

Nota: Este caderno de apoio ao professor encontra-se redigido conforme o novo Acordo Ortográfico.

Título
Caderno de Apoio
ao Professor
P6
Português 6.º Ano

Autoras
Ana Santiago
Sofia Paixão

Editor
Texto Editores, Lda.

Coordenação Editorial
Joana Paes

Design de Capa
Ideias com Peso

Pré-impressão
Leya, SA

Impressão e Acabamentos
Mirandela – Artes Gráficas

©2012
Texto Editores, Lda.
Lisboa, 2012 • 1.ª Edição • 1.ª Tiragem

Tiragem
8800 Exemplares
ISBN 978-111-11-3052-7
Depósito Legal n.º 339 904/12

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

O projeto **P** propõe-se a dar resposta aos desafios impostos pela entrada em vigor do novo Programa de Português do Ensino Básico, a partir de uma análise atenta dos fundamentos que nortearam a distribuição de conteúdos e de descritores de desempenho ao longo de todo o ensino básico.

Trata-se de um projeto que pretende ser rigoroso, funcional e facilitador das aprendizagens. Para tal, com o objetivo de promover práticas de ensino de qualidade e aprendizagens significativas, o projeto **P** propõe: o desenvolvimento equilibrado e integrado das quatro **competências** específicas (oralidade, leitura, escrita e conhecimento explícito da língua); abordagens que assegurem o princípio da **progressão** (no ciclo, inter ciclos e ao longo do ano letivo); **sequências de aprendizagem**, caracterizadas pela diversidade textual, que garantam a construção de conhecimento, o treino, a consolidação e a avaliação.

Estas propostas concretizam-se nos elementos que integram o projeto:

Manual

Aposta numa organização por Unidades e Percursos, com uma identificação clara dos conhecimentos e das competências em desenvolvimento e propostas de resolução das atividades.

Livro de Testes

Testes de avaliação estruturados por competências a partir dos modelos das provas de final de ciclo.

Recursos multimédia

Áudios, vídeos, imagens e gramática interativa, disponíveis na Aula Digital e no CD áudio (no caso particular dos recursos áudio).

Caderno de Apoio ao Professor

Apresentação dos recursos multimédia, proposta de atualização do programa, comparação entre os termos gramaticais da tradição e o Dicionário Terminológico, acordo ortográfico e cenários de resposta dos guiões de leitura oferecidos ao aluno.

Planos de Aula

Planificação das atividades, ao longo do ano letivo, que concilia as propostas do manual com os descritores de desempenho e os conteúdos do programa e apresenta sugestões de operacionalização.

Caderno de Atividades

Propostas de treino de conhecimento explícito da língua.

RECURSOS MULTIMÉDIA

A **20 AULA DIGITAL** possibilita a fácil exploração do projeto **P6** através das novas tecnologias em sala de aula. Utilize uma ferramenta inovadora que lhe permitirá tirar o melhor partido do seu projeto escolar, simplificando o seu trabalho diário.

Exploração

Projete e explore as páginas do manual na sala de aula e aceda a um vasto conjunto de conteúdos multimédia integrados com o manual, para tornar a sua aula mais dinâmica:

- **Animações de textos** – em cada unidade são apresentados textos com vocalização e ilustrações animadas, integrando também questões de interpretação.
- **Gramática interativa** – animações que apresentam todos os tópicos gramaticais abordados ao longo do manual, acompanhadas de avaliação da informação apresentada.
- **Vídeos e áudios** – recursos audiovisuais que complementam e enriquecem as atividades propostas ao longo do manual.
- **Apresentações em PowerPoint** – apresentação, de forma sintetizada, de pontos importantes das matérias abordadas.
- **Jogos** – atividades lúdicas que permitem a revisão da matéria de forma mais apelativa, garantindo a componente didática.
- **Testes interativos** – extenso banco de testes interativos, personalizáveis e organizados pelos diversos temas do manual.
- **Links internet** – endereços para páginas na internet de apoio às matérias, para a obtenção de mais informação.

Preparação de aulas

- Aceda aos Planos de Aula disponíveis em papel e em formato *Word* e planifique as suas aulas de acordo com as características de cada turma.
- Utilize as sequências de recursos digitais feitas de acordo com os Planos de Aula criados para si, que o apoiarão nas suas aulas, com recurso a um projetor ou a um quadro interativo.
- Personalize os Planos de Aula com recursos do projeto ou com os materiais criados por si.

Avaliação

- Utilize os testes pré-definidos ou crie um à medida da sua turma, a partir de uma base de mais de 200 questões.
- Imprima os testes para os distribuir, projete-os em sala de aula ou envie-os com correção automática aos seus alunos.
- Acompanhe o progresso dos seus alunos através de relatórios de avaliação detalhados.

Comunicação e interação

Tire partido das funcionalidades de comunicação e interação que lhe permitem a troca de mensagens e a partilha de recursos com os alunos.

CRITÉRIOS DE ANUALIZAÇÃO

A anualização proposta nas páginas seguintes não pretende substituir-se à planificação anual, também disponibilizada pelo **P6** e concretizada nos percursos do manual, mas apresentar uma visão global do trabalho a desenvolver ao longo do 2.º Ciclo em cada competência. Esta proposta foi elaborada a partir dos quadros de descritores de desempenho e conteúdos do programa e tendo em conta os critérios definidos pela DGIDC, disponíveis nos dossiês relativos à implementação do novo PPEB em www.dgipc.min-edu.pt. Desse documento¹, elaborado pela equipa de autores do programa, salientamos os aspetos seguintes:

- A anualização não pode perder de vista que o trabalho a desenvolver sobre cada competência, num determinado ano de escolaridade, parte dos resultados esperados na respetiva competência, no ciclo anterior e no ano de escolaridade anterior, e aponta para os resultados esperados nessa competência, no ciclo em que se está a trabalhar e no ano de escolaridade em que o trabalho se desenvolve.
- Ao longo de cada ciclo, a progressão concretiza-se:
 - (i) entre descritores de desempenho;
 - (ii) na partição do descritor de desempenho;
 - (iii) na distribuição de conteúdo(s) associado(s) ao(s) descritor(es) de desempenho;
 - (iv) na ativação do descritor de desempenho e conteúdo associado em contextos de complexidade superior.

¹ Programa de Português do Ensino Básico, Anualização: critérios e propostas, Equipa de autores, DGIDC, 2009

PROPOSTA DE ANUALIZAÇÃO DO 2.º CICLO

Compreensão do oral			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Prestar atenção ao que ouve, de modo a tornar possível: – reformular o enunciado ouvido; – cumprir instruções dadas; – responder a perguntas acerca do que ouviu; – explicitar o assunto, tema ou tópico; – fazer inferências e deduções; – distinguir facto de opinião; – relatar o essencial de uma história ouvida ou de uma ocorrência;	– indicar o significado global, a intenção do locutor e o essencial da informação ouvida; – referir pormenores relevantes para a construção do sentido global; – distinguir o que é objetivo do que é subjetivo, o que é essencial do que é acessório; – explicitar o significado de expressões de sentido figurado; – distinguir diferentes graus de formalidade em discursos ouvidos.	Ouvinte (DT C1.1.) Contexto Oralidade (DT C1.1.)	Discurso, universo de discurso (DT C1.1.) Figuras e tropos (DT C1.3.1.) Processos interpretativos inferenciais
• Utilizar procedimentos para reter e alargar a informação recebida: – registar tópicos, tomar notas; – preencher grelhas de registo; – pedir informações e explicações complementares.	– registar relações de forma e de sentido com outros textos ouvidos, lidos ou vistos; – esquematizar relações.		
• Manifestar a reação pessoal ao texto ouvido.	• Manifestar a reação pessoal ao texto ouvido, tendo em conta a sua tipologia.		
• Distinguir traços característicos específicos do oral.	• Detetar aspetos de diferenciação e variação linguística, precisando o papel da língua padrão.	Texto oral e texto escrito (DT C1.1.)	Variação e normalização linguística: língua padrão (traços específicos) (DT A2.2.)

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

Expressão oral			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Usar da palavra de modo audível, com boa dicção e num débito regular.	• Usar com precisão um repertório de termos relevantes para o assunto que está a ser tratado.	Acento, entoação, pausa (DT B.1.)	Articulação (DT B.1.)
	• Produzir enunciados, controlando com segurança as estruturas gramaticais correntes e algumas estruturas gramaticais complexas.		Destinador e destinatário (DT C1.1.) Competência discursiva
• Respeitar princípios reguladores da atividade discursiva: – na produção de enunciados de resposta; – na colocação de perguntas; – na formulação de pedidos; – na justificação de pontos de vista.	– na apresentação de factos e opiniões;		Enunciação e Enunciado (DT. C1.1.) Coesão (DT C1.2.) Coerência (DT C1.2.)
		Princípio de cooperação (DT. C1.1.1.) Frase interrogativa	Princípio de pertinência (DT. C1.1.1.) Frase interrogativa – total – parcial
• Produzir textos orais: – combinar com coerência uma sequência de enunciados; – distinguir com clareza uma introdução e um fecho; – exprimir o(s) conhecimento(s), emitir opiniões;	– captar e manter a atenção de diferentes audiências; – apoiar-se em recursos audiovisuais, informativos ou outros; – construir uma argumentação através de um discurso convincente e com alguma complexidade.	Texto oral Sequência de enunciados (DT. C1.2.)	Progressão temática Recursos linguísticos e extralinguísticos Deixis (pessoal, temporal, espacial) Anáfora
• Ler em público, em coro ou individualmente.			
• Interagir com espontaneidade e à-vontade em situações informais de comunicação: – iniciar, manter e terminar conversas simples com diversos tipos de interlocutores; – respeitar os princípios adequados às convenções que regulam a interação verbal e não verbal.		Locutor e interlocutor Diálogo (DT C1.1.) Princípios de cooperação e cortesia (DT. C1.1.1.) Formas de tratamento	Comunicação e interação discursivas (DT C1.1.) Registo de língua: formal e informal (DT C1.1.)

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

Expressão oral			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Fornecer um contributo eficaz para o trabalho coletivo, na turma ou grupo, em situações mais formais: – pedir oportunamente a palavra e esperar pela sua vez; – apresentar os seus pontos de vista e fundá-los em argumentos válidos; – facilitar o entendimento entre os participantes; – sintetizar o essencial.		Tipologia textual: texto conversacional (DT. C1.2.)	Máximas conversacionais (DT. C1.1.1.) Atos de fala

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

Leitura			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de atividades ou tarefas. • Detetar o foco da pergunta ou instrução, de modo a concretizar a tarefa a realizar. • Localizar a informação a partir de palavra ou expressão chave e avaliar a sua pertinência. • Utilizar técnicas adequadas ao tratamento da informação: - sublinhar; - tomar notas; - esquematizar; - preencher grelhas de registo; - sintetizar. • Antecipar o assunto de um texto, mobilizando conhecimentos anteriores.	• Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de atividades ou tarefas. • Detetar o foco da pergunta ou instrução, de modo a concretizar a tarefa a realizar. • Localizar a informação a partir de palavra ou expressão chave e avaliar a sua pertinência. • Utilizar técnicas adequadas ao tratamento da informação: - sublinhar; - tomar notas; - esquematizar; - preencher grelhas de registo; - sintetizar. • Antecipar o assunto de um texto, mobilizando conhecimentos anteriores.	Leitor (DT C1.2.) Enunciado instrucional (DT C1.2.)	
• Definir uma orientação de leitura e fixar-se nela. • Fazer uma leitura que possibilite: - confirmar hipóteses previstas; - identificar o contexto a que o texto se reporta; - explicitar a intenção comunicativa ou função dominante e registo(s) utilizado(s); - demarcar diferentes unidades de forma-sentido; - identificar pelo contexto ou pela estrutura interna o sentido de palavras, expressões ou fraseologias desconhecidas; - detetar informação essencial e acessória; - captar sentidos implícitos, fazer inferências, deduções; - explicitar o sentido global de um texto.	- detetar informação relevante factual e não factual; - distinguir relações intratextuais e a sua ordem de relevância: parte-todo; causa-efeito; razão-consequência.	Texto (DT C1.2.) Configuração gráfica, produção de sentido (DT C1.2.) Significado (para)linguístico, sentido textual	Descritor temático Hipertexto (DT C1.2.) Paratexto: Editor, data de edição
	- detetar informação relevante factual e não factual; - distinguir relações intratextuais e a sua ordem de relevância: parte-todo; causa-efeito; razão-consequência.	Contexto sociocultural, histórico, científico, artístico, ficcional (DT C1.1.). Intenção comunicativa Registo de língua (DT C1.1.); significação lexical (DT B5.2.) Informação (DT C1.1.) Valores semânticos - genérico - específico; (DT B6.1.) - tempo anterior-simultâneo-posterior; (DT B6.2.) Processos interpretativos inferenciais (DT C1.2.)	Sequência textual Progressão temática Contexto e contexto (DT C1.2.)
	• Explicitar processos de construção do sentido de um texto multimodal.		Texto multimodal
	• Confrontar diferentes interpretações de um mesmo texto, sequência ou parágrafo.		Plurisignificação, polissemia (DT C1.2.)

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

Leitura			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
Recontar e sintetizar textos.		Macro e microestruturas textuais (DT C1.2.) Reconto, síntese	
Identificar relações, formais ou de sentido, em vários textos, abrindo redes intertextuais.		Intertextualidade (DT C1.2.) Alusão	citação, paráfrase, paródia, plágio
Detetar traços característicos de diferentes tipos de texto ou sequências textuais.		Tipologia de textos: narrativos, descritivos, argumentativos, instrucionais, conversacionais, preditivos (DT C1.2.)	expositivos
Ler em voz alta com fluência e expressividade para partilhar informações e conhecimentos.			
- Fazer apreciações críticas sobre um texto, incidindo sobre o conteúdo e sobre a linguagem. - Identificar marcas de literariedade nos textos: mundos representados; utilização estética dos recursos verbais.		Configuração textual; coerência (DT C1.2.); (DT C1.2.) Registo de língua, coesão; progressão temática Texto literário (DT C1.2.) em prosa e em verso (prosa poética; verso livre)	
Distinguir modos e géneros de textos literários a partir de critérios dados.		Modos literários (DT C1.2.); narrativo, lírico, dramático	
Manifestar-se em relação a aspetos da linguagem que conferem a um texto qualidade literária.		Recursos retóricos (DT C1.3.1.) - de natureza fonológica: assonância; aliteração; onomatopéia - de natureza sintática: enumeração; anáfora; apóstrofe - de natureza semântica: comparação; metáfora; personificação	Perífrase; hipérbole; antítese; alusão; metonímia; hipérbole
Distinguir diferentes «vozes» (perspetivas) no interior de um mesmo texto e valores (socioculturais, éticos, estéticos ou outros) que veiculam.			Polifonia (DT C1.2.)
Selecionar, por sua iniciativa e de acordo com o seu gosto pessoal, obras de extensão e complexidade crescentes.			
- Fazer a leitura integral de textos literários representativos dos três modos literários. - Expressar ideias e sentimentos provocados pela leitura de um texto literário.			
Expor o sentido global de um texto narrativo ou de partes específicas do mesmo.		Texto narrativo: - componentes - estrutura da narrativa	

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

Leitura			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Explicitar os temas dominantes e características formais de poemas. • Expor o sentido global de um texto dramático, estabelecendo relações entre o texto e o desenvolvimento cénico.		Texto poético: – estrutura compositora: tipos de estrofe, rima – plurissignificação (D.T.C.1.2)	Texto poético: – estrutura compositora: sílaba métrica, rima (toante e consoante), esquema rimático
		Texto dramático: – componentes – organização estrutural: ato, cena, fala, indicações cénicas	

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

Escrita			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Redigir com correção enunciados para responder a diferentes propostas de trabalho: – organizar as respostas de acordo com o foco da pergunta ou pedido; – combinar os enunciados numa organização textual com coesão e coerência; – cuidar da apresentação final do texto escrito. • Utilizar técnicas específicas para selecionar, registar, organizar ou transmitir informação. • Definir a temática, a intenção, o tipo de texto, o(s) destinatário(s) e o suporte em que o texto vai ser lido. • Fazer um plano, esboço prévio ou guião do texto: – estabelecer objetivos; – seleccionar conteúdos; • Redigir o texto: – articular as diferentes partes planificadas; – seleccionar o vocabulário ajustado ao conteúdo; – construir os dispositivos de encadeamento (cronológico, de retoma e de substituição que assegurem a coesão e a continuidade de sentido; – dar ao texto a estrutura compositiva e o formato adequados; – respeitar regras de utilização da pontuação; – adotar as convenções (ortográficas estabelecidas). • Rever o texto, aplicando procedimentos de reformulação: – acrescentar, apagar, substituir.	– usar com precisão o repertório de termos relevantes para o assunto que está a ser tratado; – controlar as estruturas gramaticais mais adequadas à resposta a fornecer.	Escrita (DT C1.1.) Escrita compositiva (quem, o quê, quando, onde, como, porquê) Recursos linguísticos: Lexicais, sintáticos, semânticos, discursivos e textuais Recado, aviso Texto escrito Tipologia textual (DT C1.2.) Texto narrativo, descritivo, instrucional, conversacional	Enunciação e enunciado Língua padrão (DT A.1.) Ficha bibliográfica, lembrete, SMS... Texto expositivo, preditivo
		Macro e microestruturas textuais (DT C1.2.) Coesão, Coerência Deixis, anáfora Configuração gráfica: pontuação e sinais auxiliares de escrita, ortografia Margens, cabeçalho, rodapé, notas	Progressão temática Recursos linguísticos (lexicais, sintáticos e semânticos discursivos e textuais)

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

Escrita			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Produzir textos que obriguem a uma organização discursiva bem planificada e estruturada, com a intenção de: - resumir; - relatar, descrever; - dar instruções; - comentar. • Escrever textos, por sua iniciativa, para expressar conhecimentos, experiências, sensibilidade e imaginário.	- reformular, reinterpretar; - expor; - persuadir; - analisar, criticar.	Resumo Relato, descrição Receita, anúncio Comentário	Paráfrase, reconto Notícia, exposição Artigo Texto de opinião
• Intervir em rede, utilizando dispositivos tecnológicos adequados: - participar em projetos de escrita colaborativa, em grupo ou em rede alargada.		Retrato Poema História, diálogo...	Diário, autobiografia Autorretrato... Letra de música...
• Escrever textos, experimentando novas configurações textuais com marcas intencionais de literariedade.	- cooperar em espaços de partilha da escrita relacionados com os seus interesses e necessidades.	Texto narrativo: - componentes - estrutura da narrativa Texto poético: - estrutura composicional - plurissignificação Texto dramático: - componentes - organização estrutural Recursos expressivos	

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

CEL			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
Identificar em enunciados orais e escritos a variação em vários planos (fonológico, lexical, sintático, semântico e pragmático).	- Distinguir contextos geográficos e sociais que estão na origem de diferentes variedades do português. - Identificar propriedades da língua padrão.	Mudança linguística (DT A.4.) Fatores internos e externos e tipos de mudança (DT A.4.1.)	
			Variedades do português: africanas e brasileira (DT A.2.3.)
			Variação e normalização linguística: língua padrão (DT A.2.2.)
	Consultar regularmente obras lexicográficas, mobilizando a informação na análise da receção e da produção no modo oral e escrito.	Dicionário monolíngue, de sinónimos (DT D.1.)	Glossário
Plano da língua, Variação e Mudança		Sons e fonemas (DT. B1.1.) Fonema Sequências de sons (DT. B1.1. 2.)	
Plano Fonológico	Distinguir ditongos de sequências de duas vogais que não pertencem à mesma sílaba.	Ditongo Hiato	Semivogal Ditongo: crescente e decrescente
	Identificar diferentes estruturas silábicas nas palavras.	Estrutura silábica	
	Distinguir sílaba gramatical de sílaba métrica.		Sílaba métrica e sílaba gramatical (segmentação)
	Sistematizar as propriedades de distinção entre palavras variáveis e invariáveis.	Morfologia flexional (DT B.2.2.) Palavras variáveis e invariáveis (DT B.2.2.)	
Plano Morfológico		Flexão (DT B.2.2.1.): – Pronomes pessoais Verbo regular – Vogal temática: paradigmas flexionais da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugação – Formas verbais finitas: mais-que-perfeito do indicativo; condicional (tempo e modo); presente, imperfeito e futuro do conjuntivo Verbo irregular	
- Explicitar categorias relevantes para a flexão das classes de palavras variáveis. - Sistematizar paradigmas flexionais regulares dos verbos. - Identificar paradigmas flexionais irregulares em verbos de uso muito frequente.	Estabelecer grupos de verbos de conjugação incompleta.	– Pronomes pessoais: caso Verbo: – Formas verbais não finitas: gerúndio, participípio, infinitivo pessoal Verbos defectivos: impessoais; unipessoais; forma supletiva	

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

CEL		Conteúdos	
Descritores de desempenho		5.º	6.º
• Explicitar padrões de formação de palavras complexas. • Distinguir regras de formação de palavras por composição de duas ou mais formas de base. • Deduzir o significado de palavras complexas a partir do valor de prefixos e sufixos nominais, adjetivais e verbais do português contemporâneo.		Processos morfológicos de formação de palavras (DT B.2.3) Palavras complexas Derivação (DT B.2.3.1) Afixação Composição: morfológica; morfossintática (DT B.2.3.2)	Derivação não afixal
	• Distinguir classes abertas e fechadas de palavras.	Classe aberta e classe fechada de palavras (DT B.3.1; B.3.2.)	
	• Explicitar propriedades distintivas de classes e subclasses de palavras. • Sistematizar as propriedades na base das quais se pode distribuir o léxico do português em dez classes gramaticais.	Nome Adjetivo Determinante: interrogativo Pronome Quantificador: universal; existencial (DT B. 3.2.) Verbo principal: intransitivo; transitivo direto, indireto, direto e indireto; (DT B. 3.1.) Preposição Advérbio: de predicado (DT B.3.1.) Interjeição (DT B.3.1.) Conjunção coordenativa: copulativa, adversativa, disjuntiva Conjunção subordinativa: causal; temporal (DT B.3.2.)	Nome: contável; não contável Adjetivo: relacional Determinante: indefinido; relativo Pronome: relativo; indefinido Verbo: copulativo; auxiliar (dos tempos compostos, da passiva, temporal, aspetual, modal) Locução prepositiva Advérbio de inclusão e exclusão, de frase; interrogativo; conectivo; locução adverbial Conjunção coordenativa: conclusiva, explicativa Conjunção subordinativa: completiva; final; condicional; comparativa, concessiva, consecutiva; locução conjuncional
Plano das Classes de Palavras		Pronome: próclise, mesóclise, ênclise	
Plano Sintático	• Utilizar o pronome pessoal átono (reflexo e não reflexo) em adjacência verbal.	Frase e constituintes da frase (DT B4.1) Grupo nominal (GN) Grupo verbal (GV)	
	• Distinguir os constituintes principais da frase.	Grupo preposicional (GPrep) Grupo adverbial (GAdv)	
	• Sistematizar processos sintáticos.	Concordância (DT B4.5)	Elipse

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

CEL			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Explicitar a relação entre constituintes principais de frases e as funções sintáticas por eles desempenhadas. • Identificar diferentes realizações da função sintática de sujeito. • Distinguir as funções sintáticas de constituintes selecionados e não selecionados pelo verbo. • Identificar a função sintática do constituinte à direita do verbo copulativo e os grupos que o podem constituir. • Explicitar as convenções do uso do vocativo em enunciados orais ou escritos. • Transformar frases ativas em frases passivas e vice-versa. • Explicitar processos sintáticos de articulação entre frases complexas.		Funções sintáticas (DT B4.2) GN/Sujeito GV/Predicado	GPrep e GAdv. Modificador de frase
		Sujeito	Sujeito: nulo
		• Complemento: direto; indireto	Complemento: oblíquo; agente da passiva Modificador
		• Identificar a função sintática do constituinte à direita do verbo copulativo e os grupos que o podem constituir.	Predicativo do sujeito
		Vocativo	
		Tipos de frase (DT B.4.3.)	Frase ativa, frase passiva
		Coordenação entre frases: Oração coordenada copulativa, disjuntiva, adverbial Subordinação: Oração subordinada adverbial: causal; temporal (DT B.4.4.)	Oração coordenada conclusiva, explicativa Subordinação: oração subordinante Oração subordinada substantiva completa Oração subordinada adverbial: final; concessiva; condicional; comparativa; consecutiva Oração subordinada adjetiva (relativa restritiva e relativa explicativa)
	• Identificar processos de enriquecimento lexical do português.		Neologismo/ arcaísmo Expressão idiomática
	• Identificar diferentes significados de uma mesma palavra ou expressão em distintos contextos de ocorrência.	Relações semânticas entre palavras	Significação lexical (DT B.5.2.) Polissemia
	• Explicitar relações semânticas de: – semelhança e oposição. – hierarquia e de parte-todo.		Hiperonímia, hiponímia, meronímia, holonímia
• Detetar processos irregulares de formação de palavras e de inovação lexical.		Onomatopeia	Extensão semântica, sigla, acrónimo, empréstimo, amálgama, truncção

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

CEL			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
- Identificar duas funções básicas da linguagem verbal que dão origem ao significado das frases e dos enunciados: – referir entidades, localizações temporais e espaciais; – descrever situações e relações entre as entidades. - Utilizar diferentes processos de negação em enunciados e frases. - Distinguir recursos verbais que podem ser utilizados para localizar no tempo as situações descritas nos enunciados: – tempos verbais; – grupos preposicionais e adverbiais temporais; – orações temporais.		Valores semânticos da frase (DT B.6.) Significado Referência e predicação (DT B.6.1.)	
		Frase afirmativa e frase negativa (DT B.6.1.)	
		Tempo (DT B.6.2.) – anterior – simultâneo – posterior	
	Estabelecer relações entre diferentes categorias, lexicais e gramaticais, para exprimir o aspeto e a modalidade.		Aspeto: eventos não durativos, durativos; situações estativas (DT B.6.1.) Modalidade: apreciativa, epistémica, deontica (DT B.6.1.)
- Explicitar relações pertinentes entre a sequência dos enunciados que constituem um discurso e ... – ... quem o produz; – ... a quem se destina; – ... a intenção e o efeito conseguido; – ... a situação particular em que ocorre; – ... o tema ou assunto; – ... o registo (in)formal. - Caracterizar modalidades discursivas e sua funcionalidade. - Detetar, nas formas de realização de um enunciado, o objetivo do locutor, tendo em conta o contexto em que a interação ocorre. - Explicitar princípios básicos reguladores da interação discursiva, aplicando-os eficazmente nos enunciados que produz.		Comunicação e interação discursiva (DT C.1.) Intenção comunicativa Registo de língua – formal e informal (DT C.1.1.)	Contexto extraverbal, paraverbal, verbal Universo do discurso (DT C.1.1.)
		Diálogo (DT C.1.1.)	Monólogo
		Atos de fala diretos e indiretos (DT C.1.1.) Assertivos (afirmações, descrições, constatações, explicações); diretivos (ordens, pedidos, convites, sugestões);	Expressivos (agradecimentos, congratulações, condolências, desculpas); compromissivos (promessas, juramentos, avisos, ameaças); declarativos
		Princípios reguladores da interação discursiva (DT C.1.1.) Cortesia (formas de tratamento) Cooperação (qualidade, quantidade, relação, modo)	Princípios reguladores da interação discursiva (DT C.1.1.) Pertinência

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

CEL			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
- Distinguir, na receção de enunciados, ou utilizar intencionalmente na sua produção, unidades linguísticas com diferentes funções na cadeia discursiva: - ordenação; - explicação e retificação; - reforço argumentativo; - concretização; - marcação conversacional ou fáctica; - conexão entre enunciados. - Identificar nos enunciados recebidos ou produzidos as unidades linguísticas que referenciam a sua enunciação. - Identificar informação não explicitada nos enunciados, recorrendo a processos interpretativos inferenciais. - Distinguir modos de reprodução do discurso no discurso, quer no modo oral quer no modo escrito. - Detetar, em sequências de enunciados orais ou escritos, características inerentes à textualidade: - autonomia (sequência de enunciados com um princípio e um fim delimitados); - autoria (sequência de enunciados produzida por um ou mais autores); - Enunciar, por comparação, as principais diferenças entre texto realizado no modo oral e texto realizado no modo escrito, no que se refere a... - utilização de recursos extraverbais e verbais.	- Marcadores discursivos (DT C.1.1): conectores discursivos aditivos ou sumativos; conclusivos e explicativos - Enunciação, enunciado, enunciador (quem), lugar (onde) e tempo (quando) da enunciação (DT C.1.1) - Pressuposição; implicação (não contradição) (DT C.1.1.3.) - Discurso direto - Texto (DT C.1.2.) - Tipologia de textos: narrativo, descritivo, instrucional, conversacional, preditivo (DT C.1.2.) - Autor - Sentido global; macro e microestruturas textuais; sequência textual; tipologia textual - Leitor; ouvinte - Texto oral; texto escrito (DT C.1.1.)	- conectores discursivos contrastivos ou contra-argumentativos - Referência deíctica e anafórica; coesão; coerência.	- Tipologia de textos: expositivo, argumentativo, preditivo (DT C.1.2.) - progressão temática

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

CEL			
Descritores de desempenho		Conteúdos	
5.º	6.º	5.º	6.º
• Explicitar regras de uso de sinais de pontuação para: – delimitar constituintes da frase; – representar tipos de frase. • Aplicar regras de uso de sinais auxiliares da escrita.		Sinais de pontuação (DT E.2.)	
		Sinais auxiliares de escrita: aspas, parênteses curvos	
		Configuração gráfica (DT E.3.): alínea; marcas e numerações	subscrito, sobrescrito
		Regras ortográficas, de acentuação gráfica e de translineação	
• Explicitar regras: – ortográficas; – de acentuação gráfica; – de translineação.			
• Desambiguar sentidos que decorrem de relações entre a grafia e a fonia de palavras.		Relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia (DT E.5.)	Paronímia

Nota: A utilização da cor cinzenta significa que os conceitos subjacentes a determinado conteúdo podem ser trabalhados sem explicitação terminológica.

DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO – PRINCIPAIS ALTERAÇÕES

Da nomenclatura gramatical portuguesa ao Dicionário Terminológico

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* (NGP) foi publicada em 1967 e revogada em 2004 com a publicação da *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário* (TLEBS).

Ambas surgem como uma lista de termos a utilizar em contextos de ensino, de acordo com as orientações curriculares. Antes, como agora, uma lista de termos não é, por si só, ensinável, cabendo aos programas a definição clara dos conteúdos a trabalhar e/ou das competências a desenvolver.

As conclusões da experiência pedagógica da TLEBS e os pareceres de especialistas motivaram a sua suspensão e consequente revisão, que veio a concretizar-se no Dicionário Terminológico (DT), disponível em <http://dt.dgidec.min-edu.pt/>, instrumento a usar por professores dos ensinos Básico e Secundário, «com uma função reguladora de termos e conceitos sobre funcionamento da língua de forma a acabar com a deriva terminológica»¹.

O Dicionário Terminológico, resultante da revisão da TLEBS, eliminou, por um lado, termos redundantes, inadequados ou pouco relevantes; por outro lado, acrescentou termos nos domínios da análise do discurso e da retórica.

O novo Programa de Português do Ensino Básico (PPEB) recorre aos termos do DT nas listas de conteúdos de todas as competências. Nas tabelas de descritores de desempenho e de conteúdos do Conhecimento Explícito da Língua, a lógica de organização baseia-se no DT, mas não se limita a uma colagem, uma vez que alguns domínios se entrecruzam (é, por exemplo, o caso do domínio da Lexicologia, que surge integrado no Plano da Língua, Variação e Mudança).

Assim, entender o DT e a tipologia das alterações não é, por si só, suficiente para uma real implementação do novo PPEB, mas ajudará a lidar com as novas abordagens e desafios.

Os domínios do Dicionário Terminológico

A. Língua, comunidade linguística, variação e mudança

- A.1. Língua e comunidade linguística
- A.2. Variação e normalização linguística
- A.3. Contacto de línguas
- A.4. Mudança linguística

¹ RELATÓRIO – *Terminologia linguística: revisão e consulta pública*,
in <http://www.dgidec.min-edu.pt/linguaportuguesa/Paginas/RELATORIOTLEBS.aspx>

B. Linguística descritiva

- B.1. Fonética e Fonologia
- B.2. Morfologia
- B.3. Classes de palavras
- B.4. Sintaxe
- B.5. Lexicologia
- B.6. Semântica

C. Análise do discurso, retórica, pragmática e linguística textual

- C.1. Análise do discurso e áreas disciplinares correlatas

D. Lexicografia

- D.1. Obras lexicográficas
- D.2. Informação lexicográfica

E. Representação gráfica

- E.1. Grafia
- E.2. Pontuação e sinais auxiliares de escrita
- E.3. Configuração gráfica
- E.4. Convenções e regras para a representação gráfica
- E.5. Relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia

Tipologia das alterações

Mais do que comparar a NGP com o DT, importa referir o tipo de alterações terminológicas em contexto de ensino do português. No fundo, trata-se de conhecer as diferenças entre a terminologia usada até agora, a que chamaremos **tradição gramatical** por nem sempre corresponder a termos da NGP, e a que passou a figurar em todos os programas de Português desde 2011/2012.

Assim, podemos verificar quatro tipologias de alterações:

- Os termos mudam e/ou estabilizam-se, mas os conceitos mantêm-se: por exemplo, **nome** e **substantivo** são sinónimos, mas o DT fixa o termo **nome**;
- os termos mantêm-se, mas o conceito muda: por exemplo, o **predicativo do sujeito** continua a chamar-se **predicativo do sujeito**, mas a sua definição inclui constituintes que a tradição gramatical considerava **complementos circunstanciais**, como na frase: *A Maria está em Lisboa*;
- o Dicionário Terminológico apresenta novos termos que não faziam parte dos programas, nem da tradição gramatical, sobretudo nas áreas da semântica, da semântica lexical e da análise do discurso, retórica, pragmática e linguística lexical;
- mudam os termos e os conceitos: por exemplo, o **numeral ordinal** dá lugar ao **adjetivo numeral**, por se considerar que possui características dessa classe de palavras.

Procederemos, em seguida, à apresentação e exemplificação das principais diferenças entre a tradição gramatical e o Dicionário Terminológico. Serão abordadas algumas áreas que sofreram alterações e apresentados novos termos e conceitos linguísticos que não faziam parte da tradição gramatical.

Os domínios e os termos comparados foram selecionados pela sua importância ao longo dos três ciclos do ensino Básico, mas nem sempre reproduzem aqueles que figuram no novo PPEB nem estão distribuídos por anos de escolaridade.

Para além disso, muitos dos termos apresentados não serão explicitados ao aluno, em contexto de sala de aula. Considerámos, no entanto, importante a sua integração, mas lembramos que os conteúdos do Conhecimento da Língua são os definidos pelo texto programático.

Níveis de língua e variedades do português

Os termos relativos à Língua, Variação e Mudança não sofreram grandes alterações; destacam-se, no entanto, alguns termos que se encontram fortemente enraizados na metalinguagem da disciplina de Língua Portuguesa / Português e que sofreram alterações ou passaram a ser abordados de outra forma.

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
Distingua-se: • geografia da língua portuguesa / domínio atual da língua portuguesa; • níveis/ registos de língua: – língua cuidada – língua familiar – língua popular – calão – gíria – regionalismos – língua literária • história da língua portuguesa/ diacronia/ sincronia	O termo variação inclui: • variedades geográficas: correspondem às variações que a língua apresenta ao longo do seu território. As variedades do português são: a variedade europeia, a variedade brasileira e as variedades africanas. • variedades situacionais: resultantes da capacidade de os falantes adaptarem o estilo de linguagem à situação de comunicação. • variedades sociais: também chamadas «socioletos» ou «dialetos sociais», usadas por falantes que pertencem à mesma classe social e ambiente socioeconómico ou educacional. • variedades históricas: resultantes da mudança linguística. Consistem no contraste entre a gramática antiga e a gramática posterior da língua.

Formação de palavras

O que mudou...

Processos morfológicos de formação de palavras

Nos processos de formação regular de palavras, as alterações mais importantes relacionam-se com a **composição**.

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
Derivação (processo de formação de novas palavras a partir de uma palavra primitiva): • prefixação (associação de um prefixo a uma forma de base) – impossível; • sufixação (associação de um sufixo a uma forma de base) – possibilidade; • parassíntese (associação simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma forma de base) – amanhecer; • derivação imprópria (integração da palavra numa nova classe de palavras, sem que se verifique qualquer alteração na forma); • derivação regressiva (criação de nomes a partir de verbos). Composição (processo de formação de novas palavras a partir de mais do que um radical ou palavra): • justaposição (formação de uma palavra a partir de duas ou mais palavras, que mantêm a acentuação) – obra-prima, vice-diretor. • aglutinação (formação de uma palavra a partir da união de palavras primitivas ou de radicais, em que apenas um mantém a acentuação) – girassol, multinacional.	Derivação (processo morfológico de formação de palavras que consiste, tipicamente, na associação de um afixo derivacional a uma forma de base): • prefixação (sem alteração) – refazer, invisível, infeliz, descrente; • sufixação (sem alteração) – simplesmente, ventoso; • parassíntese (sem alteração) – renovar, aprofundar, enlouquecer; • conversão (corresponde à derivação imprópria da tradição gramatical) – (o) olhar, (o) saber, (o) comer; • derivação não afixal (corresponde à derivação regressiva da tradição gramatical) – apelo (do verbo apelar); desabafo (do verbo desabafar). Composição (processo de formação de novas palavras a partir da união de duas formas de base): • morfológica (formação de uma palavra a partir de um radical e uma palavra ou de dois radicais) – agricultura, psicologia; • morfossintática (formação de uma palavra a partir de duas ou mais palavras) – couve-flor, guarda-chuva.

Mais exemplos:

Exemplos	Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
Facilitar	Derivação por sufixação	Derivação por sufixação
Amanhecer	Derivação por parassíntese	Derivação por parassíntese
Infelizmente	Derivação por prefixação e sufixação	Derivação por prefixação e sufixação
(o) Olhar	Derivação imprópria	Derivação por conversão
Guarda-roupa	Composição por justaposição	Composição morfossintática
Biblioteca	Composição erudita (aglutinação)	Composição morfológica
Arranha-céus	Composição por justaposição	Composição morfossintática
Ortografia	Composição erudita (aglutinação)	Composição morfológica
(a) Pesca	Derivação regressiva	Derivação não afixal
Água-de-colónia	Composição por justaposição	Composição morfossintática
Democracia	Composição erudita (aglutinação)	Composição morfológica

O que há de novo...

Processos irregulares de formação de palavras

Estes processos são relativamente recentes no âmbito do ensino do português. Apenas o termo estrangeirismo, agora empréstimo, surge na NGP, ainda que outros, como sigla e acrónimo, façam parte da tradição gramatical. No DT surgem no domínio da Lexicologia.

Terminologia	Explicação	Exemplos
Empréstimo (antes estrangeirismo)	Transferência de uma palavra de uma língua para outra.	Futebol, scanner, surf
Extensão semântica	Alargamento do significado de uma palavra.	Navegar na Internet, portal
Amálgama	Criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras.	Informática (informação automática)
Truncação	Criação de uma palavra a partir do apagamento de uma parte da palavra de que deriva.	Moto(cicleta) Foto(grafia)
Sigla	Termo formado pelas iniciais das palavras que lhe deram origem, que se pronuncia letra a letra.	IRS (Imposto sobre o Rendimento Singular)
Acrónimo	Termo formado pela junção de sílabas ou letras iniciais. Lê-se como se fosse uma palavra.	Iva (Imposto sobre o Valor Acrescentado)

Classes e subclasses de palavras

O que mudou...

As classes e subclasses de palavras são um subdomínio da Morfologia. Podem ser **abertas**, quando possuem um número ilimitado de palavras (nome, adjetivo, verbo, advérbio, interjeição), ou **fechadas**, quando possuem um número limitado de palavras (determinante, pronome, quantificadores, preposição e conjunção).

Nome

Os nomes deixaram de ser classificados como concretos e abstratos e incluem uma nova subclasse, a dos **nomes contáveis**, que podem ser enumerados (um ovo, dois ovos) e **não contáveis**, que não podem ser enumerados (**uma saudade / *duas saudades; *um açúcar / *dois açúcares*).

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
Substantivo ou nome • próprio • comum • concreto e abstrato • coletivo	Nome • próprio • comum: – coletivo – contável/não contável¹

Adjetivo

Ao contrário do que acontecia tradicionalmente, os adjetivos distribuem-se agora por três subclasses e **incluem a antiga classe dos numerais ordinais**.

Dicionário Terminológico
Adjetivo • qualificativo: exprime uma qualidade, ou seja, atribui uma qualidade ao nome, pode variar em grau e pode surgir antes ou depois do verbo, ainda que com alteração de sentido: amigo rico / rico amigo. • numeral: tradicionalmente chamado numeral ordinal, este adjetivo estabelece uma ordem (primeiro mês, segundo mês, terceiro mês) e surge antes do nome, habitualmente acompanhado por um determinante (o primeiro mês). • relacional: adjetivo que deriva de um nome e que habitualmente, não ocorre em posição pré-nominal nem varia em grau: os jornais diários; as aves aquáticas; a crosta terrestre.

¹ Os nomes coletivos podem ser contáveis (uma turma, duas turmas), ou não contáveis (**uma flora, *duas floras*).

Verbo

Enquanto classe de palavras, o verbo surge no DT com classificações muito próximas da tradição gramatical. Destaca-se, porém, o facto de serem consideradas as classes do verbo determinadas em função dos seus complementos. As questões relacionadas com a flexão do verbo encontram-se no domínio da Morfologia e não sofreram alterações significativas.

Dicionário Terminológico	
Verbo principal	Verbo que, numa frase, determina a existência de sujeito e/ou de complemento(s): <i>Os rapazes descobriram uma passagem secreta.</i> Os verbos principais dividem-se em classes, em função da ausência ou presença de alguns complementos: • Intransitivo: verbo sem complementos (<i>A criança adormeceu.</i>). • Transitivo direto: verbo com complemento direto (<i>A criança comeu a sopa.</i>). • Transitivo indireto: verbo com complemento indireto (<i>O filho telefonou ao pai.</i>), ou complemento oblíquo (<i>O Pedro foi para Lisboa.</i>). • Transitivo direto e indireto: verbo com complemento direto e indireto (<i>A professora leu uma história aos alunos.</i>), ou complemento direto e complemento oblíquo (<i>O Rui pôs o saco no chão.</i>). • Transitivo-predicativo: verbo com complemento direto e predicativo do complemento direto (<i>O professor considera o João muito responsável.</i>).
Verbo copulativo	Verbo que precisa de um predicativo do sujeito para que a frase tenha sentido completo. Consideram-se habitualmente como copulativos os verbos: ser, estar, permanecer; ficar; parecer; continuar (<i>A Rita continua triste.</i>).
Verbo auxiliar	Verbo que surge antes de um verbo principal ou copulativo, formando um <u>complexo verbal</u> (<i>A Marta nunca tinha visto o mar.</i>). Na mesma frase, pode haver mais do que um verbo auxiliar (<i>A história poderia ter sido contada de outra forma.</i>).

Advérbio

A classificação das subclasses do advérbio deixou de estar dependente de critérios meramente semânticos. Na maioria dos casos, o advérbio passou a ser classificado tendo em conta a relação que estabelece com os outros elementos da frase.

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
Advérbio • tempo • lugar • modo • dúvida • designação • negação • afirmação • intensidade ou quantidade • exclusão • inclusão • interrogativo	Advérbio • advérbio de predicado: pertence ao grupo verbal e pode ter vários valores semânticos (lugar, tempo, modo, etc.) – <i>A Rita está aqui.</i> • advérbio de frase: modifica toda a frase, ao contrário do advérbio de predicado – <i>Infelizmente, estou constipado.</i> • conectivo: estabelece relações entre frases ou constituintes da frase – <i>Tu pensas que tens razão, contudo, estás enganado.</i> • negação (sem alterações) – <i>Eles não conseguiram chegar a tempo.</i> • afirmação (sem alterações) – <i>Não gosto deste livro, mas sim daquele.</i> • quantidade e grau: – Pode intensificar o sentido de outros advérbios (<i>Sinto-me muito mal.</i>), de adjetivos (<i>Estou muito satisfeito.</i>), ou de grupos verbais (<i>Ela trabalhou muito.</i>). • exclusão (sem alterações) – <i>Só eu sabia a resposta.</i> • Inclusão (sem alterações) – <i>Até eu sabia a resposta.</i> • interrogativo (sem alterações) – <i>Quando partes?</i> • relativo: introduz uma oração relativa – <i>Esta é a escola onde estudo.</i>

Uma análise da tabela permite concluir que os tradicionais advérbios de tempo, lugar, modo, dúvida e designação estão distribuídos pelos advérbios de predicado, de frase e conectivo.

Note-se que os advérbios continuam a possuir diferentes valores semânticos (tempo, modo, etc.), mas estes deixaram de ser contemplados na sua classificação, ainda que essa distinção seja importante em contextos didáticos.

Determinante

O determinante surge sempre antes do nome com o qual concorda em género e número. O Dicionário Terminológico mantém as subclasses já existentes (artigo definido e indefinido, possessivo, demonstrativo, indefinido interrogativo) e acrescenta a dos determinantes relativos:

Dicionário Terminológico
Determinante • relativo: acompanha um nome no início de uma oração relativa (<i>Aquela é a Mariana cuja prima se chama Diana.</i>).

Quantificador

Esta classe é nova na terminologia linguística do português. O quantificador serve para indicar o número, a quantidade; surge habitualmente antes de um grupo nominal e distribui-se por várias subclasses.

Dicionário Terminológico

Quantificador

- **numeral:** refere-se a um número preciso (numeral cardinal: **dois** carros, **três** carros).
- **universal:** refere-se a todos os elementos de um conjunto (todo, todos, toda, todas, ambos, cada, qualquer, nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhuma) – **todos os dias**.
- **existencial:** não se refere à totalidade dos elementos de um conjunto (algum, alguns, alguma, algumas, bastante, bastantes, muito, muitos, muita, muitas, pouco, poucos, pouca, poucos, tanto, tanta, tantos, tantas, vários, várias) – **poucas vezes; algumas vezes**.

Conjunção

Esta classe não sofreu alterações significativas. Referimos, apenas, que as **conjunções subordinativas integrantes** são agora designadas por **conjunções subordinativas completivas** (O Pedro disse-me **que** hoje não vinha) e que as tradicionais **conjunções coordenativas adversativas** *porém, todavia* e *contudo* são, como já vimos, advérbios conectivos.

Pronomes

Os pronomes permitem evitar repetições e têm um papel importante na coesão textual.

Mantêm-se as subclasses tradicionais (pessoal, possessivo, demonstrativo, indefinido, relativo, interrogativo). Destacamos, apenas, algumas particularidades dos pronomes **indefinidos** e **relativos**.

Dicionário Terminológico

- **Indefinido:** corresponde ao uso pronominal dos quantificadores e dos determinantes indefinidos (Gostei de **tudo**; Estás à espera de **alguém**?).
- **Relativo:** os pronomes relativos, além de evitarem a repetição de um nome, também servem para juntar orações (Dá-me o livro. / O livro está em cima da mesa. = Dá-me o livro **que** está em cima da mesa). Note-se que *cujo, cuja, cujos, cujas* são determinantes relativos; *quanto, quanta, quantos, quantas* são quantificadores relativos; *onde* é um advérbio relativo.

Exemplos de classificação das palavras destacadas nas frases:

Exemplo	Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
A Mariana já bebeu o leite .	Nome/substantivo comum, concreto	Nome comum, não contável
A Rita tem quatro anos.	Numeral cardinal	Quantificador numeral
O Pedro está a estudar num horário noturno .	Adjetivo	Adjetivo relacional
Todos os alunos realizaram a tarefa.	Determinante indefinido	Quantificador (universal)
O homem estava sentado no degrau da entrada.	Nome/substantivo comum, concreto	Nome comum, contável
Já é a terceira vez que vou a Paris.	Numeral ordinal	Adjetivo numeral
Esta é a escola cujo diretor apresentou a demissão.	Pronome relativo	Determinante relativo
Enviei a carta ontem .	Advérbio de tempo	Advérbio de predicado
Poucas pessoas assistiram ao espetáculo.	Determinante indefinido	Quantificador (existencial)
Esta é a casa onde eu moro.	Pronome relativo	Advérbio relativo
A Marta respondeu sinceramente .	Advérbio de modo	Advérbio de predicado

Funções sintáticas

O que mudou...

Funções sintáticas ao nível da frase¹

Mantêm-se as funções nucleares da frase, registando-se alterações apenas nos tipos de sujeito e em alguns complementos circunstanciais que passaram a chamar-se modificadores (de frase):

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
Sujeito: – simples – composto – subentendido – indeterminado – inexistente • Predicado • Complemento circunstancial • Vocativo	Sujeito: • Simplex (sem alterações). • Composto (sem alterações). • Nulo (não surge na frase): – subentendido: apesar de não aparecer na frase, a flexão verbal permite-nos identificar o seu referente: Estou cansado = [Eu] estou cansado; – indeterminado: não aparece na frase, porque não sabemos quem é, ou o que é, mas pode ser identificado através do teste de substituição por pronomes como <i>alguém</i>, <i>quem</i>: <i>Dizem que a vida está difícil</i>: – Alguém diz; – expletivo: tradicionalmente chamado sujeito inexistente; surge, habitualmente, com verbos meteorológicos (<i>Nevou, choveu, trovejou</i>) e em algumas frases com o verbo haver (<i>Há muito tempo que não te via.</i>). • Predicado : é constituído pelo verbo ou complexo verbal, ou por um verbo e pelos seus complementos e/ou modificadores (<i>A Marta fez hoje um teste de Biologia</i>). • Modificador (de frase): elemento acessório, que modifica o sentido da frase (<i>Infelizmente, está a chover muito.</i>). • Vocativo (sem alterações).

¹ A distribuição das funções sintáticas apresentada – ao nível da frase e dos grupos verbal, nominal, adjetival e adverbial – é utilizada no Dicionário Terminológico. Por uma questão de organização, optámos por fazer a sua adaptação aos termos da tradição gramatical.

Funções sintáticas internas ao predicado / grupo verbal

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
• Complemento direto • Complemento indireto	• Complemento direto (sem alterações). • Complemento indireto (sem alterações). • Complemento oblíquo: tal como os complementos direto e indireto, o complemento oblíquo é selecionado pelo verbo e, habitualmente, sem ele a frase não faz sentido (<i>A Maria gosta de sopa.</i>). Não pode ser substituído pelos pronomes pessoais <i>o, a, os, as</i>, como o direto, nem pelos pronomes <i>lhe, lhes</i>, como o indireto. O complemento oblíquo pode ter várias formas: – grupo preposicional: <i>A Marta mora em Almada.</i> – grupo adverbial: <i>A Marta mora ali.</i>
• Complemento agente da passiva • Predicativo do sujeito	• Complemento agente da passiva (sem alterações). • Predicativo do sujeito: elemento da frase selecionado, apenas, por verbos copulativos como <i>ser, estar, continuar, parecer, permanecer, ficar</i>. O predicativo do sujeito pode ter várias formas: – grupo nominal: <i>O António é meu filho.</i> – grupo adjetival: <i>O António parece feliz.</i> – grupo preposicional: <i>O António está em Sintra.</i> – grupo adverbial: <i>O António está cá.</i>
• Predicativo do complemento direto • Complemento circunstancial	• Predicativo do complemento direto (sem alterações). • Modificador do grupo verbal / predicado: elemento acessório, que modifica o sentido do predicado. Pode ter várias formas e surgir em várias posições: – grupo preposicional: <i>A Marta viajou de madrugada.</i> – grupo adverbial: <i>A Marta viaja amanhã.</i>

Funções sintáticas internas ao grupo nominal

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
• Complemento determinativo • Atributo • Aposto	• Complemento do nome: surge à direita do nome e é selecionado por ele. Pedem complemento: – os nomes deverbais (relacionados com verbos) como <i>destruição [da floresta]; substituição [do professor]; invasão [do território];</i> – os nomes relacionais como <i>pai [da Maria], mãe [do João], irmã [da Ana], filho [do José];</i> – nomes epistémicos como <i>certeza [de que consigo], hipótese [de começar de novo], ideia [de terminar os estudos], necessidade [de fazer este trabalho];</i> – nomes icónicos como <i>fotografia [de turma], retrato [de família].</i> • Modificador do nome restritivo: elemento acessório, que modifica e restringe o nome a que se refere (<i>O livro azul é meu. / O homem do chapéu não me deixa ver nada.</i>). • Modificador do nome apositivo: elemento acessório, que modifica, mas não restringe, o nome a que se refere (<i>D. Manuel, o Venturoso, mandou construir o mosteiro dos Jerónimos.</i>).

Em resumo, aqui ficam algumas respostas rápidas a perguntas frequentes sobre o que se alterou nas funções sintáticas:

1. O que aconteceu ao sujeito?

- O sujeito deixou de ser identificado como «aquele que pratica a ação», uma vez que em frases como «O João levou uma bofetada.» tal não se verificava.
- O sujeito não realizado chama-se sujeito nulo: subentendido (*Estou atrasado.*), indeterminado (*Assaltaram a ourivesaria.*) ou expletivo (em vez de inexistente – *Choveu muito.*).

2. O que aconteceu aos complementos circunstanciais?

O tradicional complemento circunstancial pode ser classificado como:

- Predicativo do sujeito – *O Luís está em Lisboa.* / *O Luís está aqui.*
- Complemento oblíquo – *O Luís mora em Lisboa.* / *O Luís mora aqui.*
- Modificador – *O Luís estuda em Lisboa.* / *O Luís estuda aqui.*

3. O que aconteceu aos complementos determinativos?

De um modo geral, os complementos determinativos são modificadores (restritivos) do grupo nominal – *O rapaz de calções está à minha frente.* Podem igualmente, nos casos já referidos anteriormente, ser complementos do nome – *O pai da Marta.*

4. O que aconteceu ao atributo?

O tradicional atributo é um modificador (restritivo) do grupo nominal – *A saia azul é bonita.*

5. O que aconteceu ao aposto?

O aposto é um modificador (apositivo) do grupo nominal – *O Pedro, meu primo, chegou ontem.*

Exemplos de identificação das funções sintáticas

1. A Maria foi para a escola de autocarro.

Tradição gramatical
Sujeito: A Maria Predicado: foi para a escola de autocarro Complemento circunstancial de lugar: para a escola Complemento circunstancial de meio: de autocarro
Dicionário Terminológico
Sujeito: A Maria Predicado: foi para a escola de autocarro Complemento oblíquo: para a escola Modificador (do grupo verbal): de autocarro

2. O Pedro está em Lisboa.

Tradição gramatical

Sujeito: O Pedro

Predicado: está em Lisboa

Complemento circunstancial de lugar: em Lisboa

Dicionário Terminológico

Sujeito: O Pedro

Predicado: está em Lisboa

Predicativo do sujeito: em Lisboa.

3. A Sofia adoeceu durante a noite.

Tradição gramatical

Sujeito: A Sofia

Predicado: adoeceu durante a noite

Complemento circunstancial de tempo: durante a noite

Dicionário Terminológico

Sujeito: A Sofia

Predicado: adoeceu durante a noite

Modificador (do grupo verbal): durante a noite

4. A Maria colocou o lenço azul na mala.

Tradição gramatical

Sujeito: A Maria

Predicado: colocou o lenço azul na mala

Complemento direto: o lenço azul

Atributo: azul

Complemento circunstancial de lugar: na mala

Dicionário Terminológico

Sujeito: A Maria

Predicado: colocou o lenço azul na mala

Complemento direto: o lenço azul

Modificador (restritivo do nome): azul

Complemento oblíquo: na mala

Relações entre palavras

O que mudou...

Família de palavras, campo lexical e campo semântico

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
• O conceito família de palavras surge associado à parte da gramática que se ocupa da «classe, estrutura e formação de palavras»¹. • São usados os termos campo lexical e campo semântico, mas existe alguma instabilidade na sua definição em gramáticas escolares.	• O conceito família de palavras surge no domínio da Lexicologia, no subdomínio Léxico e vocabulário. O conceito não apresenta alterações. Entende-se por família de palavras o conjunto das palavras formadas por derivação ou composição a partir de um radical comum. Exemplos: <i>mar, maremoto, amarar, marinheiro, marinha, marinho, maré...</i> • Surge o novo domínio Semântica lexical: significação e relações semânticas entre as palavras. • Estes termos são definidos no subdomínio Relações semânticas entre palavras, em Estrutura lexical: – campo lexical: conjunto de palavras que, pelo seu significado, fazem parte de uma determinada realidade e podem pertencer a diferentes classes. Exemplos: <i>âncora, vela, atracar, ré... fazem parte do campo lexical de navio.</i> – campo semântico: conjunto dos significados que uma palavra pode ter nos diferentes contextos em que se encontra. Exemplos: campo semântico de <i>peça</i> – <i>peça</i> de automóvel, <i>peça</i> de teatro, <i>peça</i> de bronze, <i>peça</i> de carne, és uma boa <i>peça</i>, etc.

¹ Vd. Celso Cunha e Lindley Cintra, *Breve Gramática do Português Contemporâneo*.

Relações entre palavras – Relações de hierarquia e relações de parte-todo

O que há de novo...

No novo domínio **Semântica lexical: significação e relações semânticas entre as palavras**, o subdomínio **Relações de semelhança / oposição** refere-se à sinonímia e antonímia, não havendo alterações no entendimento destes conceitos.

Ainda neste domínio, mas em **Relações de hierarquia**, surgem como novos conceitos os termos **hiperonímia** e **hiponímia**.

O termo **jogo**, por exemplo, é uma designação genérica de certas atividades cuja natureza ou finalidade é recreativa – de diversão, entretenimento, brincadeira. Assim, a palavra *jogo* é hiperónimo de *xadrez*, *gamão*, *damas*...

Um **hiperónimo** é, portanto, um termo mais genérico que abrange vários termos específicos que dependem dele semanticamente.

Exemplos: *Talher* é um hiperónimo de *faca*, *garfo* e *colher*.

Escritor é hiperónimo de *António Torrado*, *Cecília Meireles*, *José Saramago*...

Um **hipónimo**, ao invés, é uma palavra de sentido mais restrito em relação a outra de sentido mais geral.

Exemplos: *Morangos* e *bananas* são hipónimos de *fruta*.

Livro, *revista*, *jornal* são hipónimos de *publicações*.

Ainda no subdomínio **Relações semânticas entre as palavras**, em **Relações parte-todo**, surgem outros dois novos conceitos: os de **holonímia** e de **meronímia**, referentes às relações semânticas entre palavras que representam o todo pela parte ou a parte pelo todo.

Assim, um **holónimo** é uma palavra que se refere a um todo, refletindo uma relação de hierarquia semântica em relação a outra, já que o seu significado refere o todo do qual a outra palavra (designada merónimo) é a parte.

Exemplos: *Casa* é holónimo de *quarto*, *sala*, *cozinha*.

Avião é holónimo de *cockpit*.

Um **merónimo** é uma palavra que se refere a uma parte, refletindo uma relação de hierarquia semântica em relação a outra, já que o seu significado remete para a parte constituinte (designada holónimo).

Exemplos: *Volante* é merónimo de *carro*.

Pétala é merónimo de *flor*.

Sintaxe e Semântica

O que mudou e o que há de novo...

Tradição gramatical	Dicionário Terminológico
• Tipos e formas de frase – frase declarativa; – frase exclamativa; – frase imperativa; – frase interrogativa. • Forma afirmativa e negativa	• O dicionário terminológico refere a existência dos mesmos tipos de frase. Os tipos de frase são estudados no âmbito da Sintaxe. • Polaridade afirmativa e polaridade negativa A polaridade é estudada no âmbito da <i>Semântica</i> e do <i>Conteúdo proposicional</i>. O termo polaridade refere-se ao valor afirmativo ou negativo de um enunciado. A negação e a afirmação não são propriedades inerentes à frase; são valores que podem afetar o predicado ou apenas um sintagma. A polaridade negativa pode ser expressa através do advérbio de negação ou de outras palavras ou expressões com valor negativo, como não, nenhum, ninguém, nem, sem, nada. Exemplo: A Tânia gosta de gelados. A afirmação não exige a presença de nenhum operador específico. Diz-se então que a frase tem polaridade afirmativa. Exemplo: Ela nunca comeu gelados.

Princípios reguladores da interação discursiva

O que há de novo...

Na sequência das abordagens propostas pela Análise de Discurso, da Pragmática e da Linguística Textual, os **princípios de cooperação, de cortesia e de pertinência** surgem, juntamente com as **máximas conversacionais** e as formas de tratamento, como regras fundamentais que devem caracterizar a interação convencional.

O **princípio de cooperação** baseia-se em máximas que os interlocutores deverão respeitar. Alguns comportamentos práticos a ter em conta na interação verbal e de acordo com as máximas expostas são os seguintes¹:

¹ Inês Duarte, *Língua Portuguesa – Instrumentos de Análise*, Universidade Aberta, Lisboa, 2000, p. 357.

a) o discurso produzido deve conter a informação necessária (Máxima de quantidade):

- Tornar a contribuição tão informativa quanto requerido (para o propósito em causa);
- Não tornar contribuição mais informativa do que requerido (os enunciados repetitivos não respeitam esta máxima).

b) o discurso não deve afirmar o que o locutor crê ser falso, nem o que carece de provas (Máxima de qualidade):

- Tentar que a contribuição seja verdadeira;
- Não dizer o que crê ser falso;
- Não dizer aquilo de que não se tem provas.

c) o discurso deve ser pertinente ou relevante (Máxima de relação):

- Ser relevante.

d) o discurso deve ser claro, breve e ordenado (Máxima de modo ou de modalidade):

- Ser claro(a);
- Evitar a obscuridade da expressão;
- Evitar ambiguidades;
- Ser breve (evitar falar/ escrever mais do que o necessário);
- Ser metódico(a).

O **princípio de cortesia** relaciona-se com o facto de usarmos diferentes estratégias para levar o nosso interlocutor a comportar-se de certa maneira, respeitando normas de comportamento social e linguístico no desenrolar da interação comunicativa. Algumas máximas a respeitar;

- evitar o silêncio ostensivo;
- não interromper o interlocutor;
- não manifestar falta de atenção;
- não proferir insultos, injúrias, acusações gratuitas, etc.

O **princípio de pertinência** explica como os interlocutores interpretam os enunciados num ato de comunicação: através do reconhecimento do universo de referência, pela partilha dos saberes implicados no ato de linguagem – saberes sobre o mundo, sobre valores psicológicos e sociais, sobre comportamentos, etc., que conferem aos parceiros credibilidade. De acordo com este princípio, os atos de linguagem devem ser apropriados ao seu contexto e à sua finalidade, contribuindo para o aspeto contratual da interação.

Texto

O que há de novo e o que mudou...

Tipologias textuais

No plano literário, mantém-se a tripartição de géneros, com as alterações e as inovações resultantes da evolução histórica da própria literatura: o *género lírico*, o *género épico* ou *narrativo* e o *género dramático*. Cada um compreende diversos subgéneros.

Mas a maioria dos textos é constituída por numerosas sequências, que podem incluir diferentes **tipologias textuais** – num mesmo texto há sequências de diferentes tipos (por exemplo, num texto narrativo, é habitual haver sequências de tipo descritivo e de tipo conversacional). Cada tipologia textual possui determinadas características.

Vejamos algumas das mais comuns:

Textos conversacionais	Caracterizam-se por ter funções lúdicas, de intercâmbio de ideias, de comentário de acontecimentos, de agradecimento. Exemplo: conversa, entrevista...
Textos narrativos	Relatam eventos ou cadeias de eventos; apresentam verbos que indicam ações e tempos verbais como o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito. Têm abundância de advérbios com valor temporal ou locativo. Exemplo: conto, romance, novela...
Textos argumentativos	Têm como funções persuadir, refutar, comprovar, debater uma causa, etc., estabelecendo relações entre factos, hipóteses, provas e refutações. Têm abundância de conectores discursivos, que articulam com rigor as partes do texto. O tempo dominante é o presente. Exemplo: publicidade, debates...
Textos descritivos	Caracterizam espaços, objetos, pessoas. Predominam o verbo ser e outros verbos caracterizadores de propriedades e qualidades de seres e coisas. Os tempos verbais dominantes são o presente e o pretérito imperfeito. Têm abundância de adjetivos qualificativos e de advérbios com valor locativo. Exemplo: descrição de paisagens, pessoas...
Textos expositivos	Apresentam a análise ou síntese de ideias, conceitos e teorias, com uma estrutura verbal em que predomina o verbo ser com um predicativo do sujeito nominal ou o verbo ter com complemento direto. Usam como tempo peculiar o presente. Exemplo: manuais escolares, relatos...
Textos instrucionais	Têm como função ensinar ou indicar como fazer algo, enumerando e caracterizando as sucessivas operações. A estrutura verbal dominante é o imperativo. Exemplo: regras, instruções, avisos, comunicados...

O termo **paratexto** é introduzido pelo dicionário terminológico e relaciona-se com o facto de os textos (obras literárias, obras científicas, etc.) surgirem sempre acompanhados de outros elementos textuais, de extensão variável, que enquadram o texto principal e que têm como função apresentá-lo, garantindo uma receção adequada. Esses elementos textuais ou textos secundários chamam-se **paratextos**.

Exemplos: nome do autor, do editor, da coleção, título e subtítulo, desenho da capa, dedicatória(s), prefácio e posfácio, epígrafe, notas marginais, de rodapé e finais, bibliografia, índices, informações fornecidas nas badanas e na contracapa do livro, ilustrações, etc.

Obras lexicográficas

O que há de novo...

Um novo domínio do dicionário terminológico é o da **lexicografia**, apresentada como a disciplina que se ocupa da realização de dicionários, léxicos e terminologias, bem como da análise da sua estrutura e dos métodos para a sua elaboração. É no seu âmbito que são elencadas as **obras lexicográficas**.

Para além do termo **dicionário**, i.e., a obra que apresenta o conjunto de palavras de uma língua, geralmente organizadas por ordem alfabética e acompanhadas de informações, são especificados:

- **Os tipos de dicionários** (alguns exemplos):

Os dicionários podem ser:

- **monolíngues** (listagem e significados das palavras de uma língua);
- **bilíngues** (listagem e tradução das palavras de uma língua numa outra língua);
- de **aprendizagem** (para o ensino do vocabulário da língua geral ou das línguas especializadas, com uma forte componente didática baseada em descrições, exemplos, exercícios de língua e imagens);
- de **sinónimos/antónimos**.

- **Outras obras lexicográficas:**

- **enciclopédia**: lista estruturada de palavras ou expressões, nem sempre organizada por ordem alfabética, contendo informação geral sobre cada entrada, como por exemplo o estado da arte do conhecimento de um tema ou conceito.
- **glossário**: dicionário com palavras ou expressões pouco conhecidas ou raras e respetivos significados, ou traduções;
- **terminologia**: lista organizada de termos de um determinado domínio (por exemplo, termos de informática, de medicina);
- **thesaurus**:
 1. dicionário alfabético que procura apresentar com exaustividade as palavras de uma língua;
 2. conjunto de termos normalizados, organizados em função de uma classificação documental da informação.

ACORDO ORTOGRÁFICO

POR PAULO FEYTOR PINTO

O novo acordo ortográfico no sistema educativo português

A ortografia da língua portuguesa, tal como a própria língua, tem sofrido alterações ao longo do tempo. Em 2011, com a entrada em vigor da nova ortografia que aqui se apresenta, chega ao fim um período de 100 anos durante o qual a língua portuguesa teve duas ortografias oficiais distintas. Este facto foi provocado pelos portugueses que, em 1911, adotaram uma nova ortografia, tornaram-na oficial e não consultaram os brasileiros.

Apesar de a nova ortografia comum ter provocado alterações tanto na ortografia portuguesa como na brasileira, aqui apresentam-se apenas as regras que alteram a ortografia a utilizar no sistema educativo português. Todas as regras ortográficas que não são referidas mantêm-se, portanto, inalteradas. Também a terminologia utilizada nesta brochura é a adotada no ensino básico e secundário e não a do texto legal.

As alterações introduzidas na ortografia são as seguintes:

1. Introdução das letras *k*, *w* e *y* no alfabeto (Base I).
2. Obrigatoriedade de inicial minúscula em alguns nomes próprios e formas de cortesia (Base XIX).
3. Supressão das letras *c* e *p* em sequências de consoantes (Base IV).
4. Supressão de acento em palavras graves (Base IX).
5. Supressão e/ou substituição do hífen em palavras compostas e derivadas, formas verbais e locuções (Bases XV-XVII).

A consulta deste texto pode ser complementada com a leitura do diploma legal que aprova a nova ortografia, em especial das bases ou regras acima identificadas e das respetivas notas explicativas. A Resolução da Assembleia da República, de agosto de 1991, está permanentemente disponível em:

<http://dre.pt/pdf1sdip/1991/08/193A00/43704388.pdf>

A Resolução do Conselho de Ministros que determina a entrada em vigor da nova ortografia, de janeiro de 2011, adotou também o Vocabulário Ortográfico do Português e o conversor Lince, desenvolvidos pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional com financiamento público do Fundo da Língua Portuguesa. Uma vez que o texto legal que descreve a nova ortografia prevê exceções e não é exaustivo na exemplificação, estas duas ferramentas são muito úteis para esclarecer as inevitáveis dúvidas e estão disponíveis gratuitamente no sítio:

www.portaldalinguaportuguesa.org

1. Introdução das letras *k*, *w* e *y* no alfabeto (Base I)

As letras *k*, *w* e *y* fazem parte do alfabeto da língua portuguesa. Apesar desta novidade, as regras de utilização mantêm-se as mesmas. Estas três letras podem, por exemplo, ser utilizadas em palavras originárias de outras línguas e seus derivados ou em siglas, símbolos e unidades internacionais de medida, como *darwinismo*, *Kuwait*, *km* ou *watt*.

A posição destas três letras no alfabeto é a seguinte: ...*j*, *k*, *l*... ...*v*, *w*, *x*, *y*, *z*.

2. Obrigatoriedade de inicial minúscula em alguns nomes próprios e formas de cortesia (Base XIX)

A letra minúscula inicial é obrigatória nos:

- nomes dos dias: *sábado*, *domingo*, *segunda-feira*, *terça-feira*, *quarta-feira*...
- nomes dos meses: *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*, *janeiro*...
- nomes das estações do ano: *verão*, *outono*, *inverno*, *primavera*...
- nomes dos pontos cardeais ou equivalentes, mas não quando eles referem regiões: *sul*, *leste*, *oriental* e *ocidental europeu*, mas o *Ocidente*.

A letra minúscula inicial é obrigatória também nas formas de tratamento ou cortesia: *senhor Silva*, *cardeal Santos*...

A letra inicial tanto pode ser maiúscula como minúscula em:

- títulos de livros, exceto na primeira palavra: *Amor de perdição* ou *Amor de Perdição*.
- nomes que designam cursos e disciplinas: *matemática* ou *Matemática*.
- designações de arruamentos: *rua da Liberdade* ou *Rua da Liberdade*.
- designações de edifícios: *igreja do Bonfim* ou *Igreja do Bonfim*.

3. Supressão das letras *c* e *p* em sequências de consoantes (Base IV)

As letras *c* e *p* são suprimidas sempre que não são pronunciadas pelos falantes mais instruídos, como acontece em algumas sequências de consoantes: *ação*, *ótimo*, *ata*, *ator*, *adjetivo*, *antártico*, *atração*, *coletânea*, *conceção*, *letivo*, *noturno*, *perentório*, *sintático*...

As letras *c* e *p* mantêm-se apenas nos casos em que são pronunciadas: *facto*, *apto*, *adepto*, *compacto*, *contacto*, *corrupção*, *estupefacto*, *eucalipto*, *faccioso*, *fricção*, *núpcias*, *pacto*, *sumptuoso*...

Assim, tal como na oralidade, na escrita temos *Egito* e *egípcio*.

Aceita-se a dupla grafia quando se verifica oscilação na pronúncia culta, como em *setor* e *setor*. Já existiam em português outras palavras com mais de uma grafia, como *febra*, *fevra* e *fêvera*.

As letras *b*, *g* e *m* mantêm-se na escrita em português europeu padrão de sequências idênticas de consoantes: *subtil*, *súbdito*, *amígdala*, *amnístia*, *omnipresente*...

A letra *h* mantém-se tanto no início e no fim de palavra como nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*: *homem*, *oh*, *chega*, *mulher*, *vinho*.

4. Supressão do acento em palavras graves (Base IX)

O acento agudo é suprimido das palavras graves cuja sílaba tónica contém o ditongo *oi*. Generaliza-se portanto a regra já aplicada em *dezoito* e *comboio*. Assim, passamos a ter: *joia*, *heroico*, *boia*, *lambisgoia*, *alcaloide*, *paranoico*...

O acento circunflexo é suprimido das formas verbais graves, da terceira pessoa do plural, terminadas em *eem*. Assim, passamos a ter: *leem, veem, creem, deem, preveem...*

O acento gráfico, agudo ou circunflexo, é suprimido das palavras graves que não têm homógrafas da mesma classe de palavras. Assim, *para* pode ser uma preposição ou uma forma do verbo *parar*, tal como *acordo* já podia ser um nome ou uma forma do verbo *acordar*. Outros exemplos são: *acerto* (verbo ou nome), *coro* (verbo ou nome), *fora* (verbo ou advérbio)...

O acento agudo mantém-se na escrita em português europeu padrão das formas verbais da primeira pessoa do plural, do pretérito perfeito do indicativo, dos verbos da primeira conjugação: *gostámos, levámos, entregámos, andámos, comprámos...*

5. Supressão e/ou substituição do hífen em palavras compostas e derivadas, formas verbais e locuções (Bases XV-XVII)

O hífen é suprimido das palavras derivadas em que a última letra do primeiro elemento – o elemento não autónomo – é diferente da primeira letra do segundo elemento: *autoavaliação, autoestrada, agroindústria, anti-americano, bioalimentar, extraescolar, neoidealismo...*

O hífen mantém-se nas derivadas começadas por *ex, vice, pré, pós, pró, circum* seguido de vogal ou *n, pan* seguido de vogal ou *m*, ou *ab, ad, ob, sob* ou *sub* seguido de consoante igual, *b* ou *r*. Assim, continuamos a ter: *pós-graduação, pan-americano, sub-região...*

O hífen mantém-se nas derivadas em que o segundo elemento começa por *h, r* ou *s*. No primeiro caso, mantém-se a regra anteriormente em vigor: *anti-herói, pan-helénico...*

O hífen é suprimido de palavras cuja noção de composição se perdeu, tal como já tinha acontecido com *pon-tapé*. Assim, passamos a ter: *paraquedas, mandachuva...*

O hífen é substituído por *r* ou *s*, duplicando-o nas palavras derivadas e compostas acima referidas em que a última letra do primeiro elemento é uma vogal e a primeira letra do segundo elemento é um *r* ou um *s*: *semirrígido, suprasumo, antirroubo, antisemita, girassol, madressilva, ultrassecreto...*

O hífen é substituído por um espaço em branco nas locuções substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais: *fim de semana, cão de guarda, cor de vinho...*

O hífen é substituído por um espaço em branco nas quatro formas monossilábicas do verbo *haver* seguidas da preposição *de*: *hei de, hás de, há de e hão de*.

Mantém-se a ortografia em exceções pontuais tais como *desumano, cor-de-rosa, coocorrência*.

O hífen mantém-se em todos os restantes casos:

- generalidade das compostas: *cobra-capelo, ervilha-de-cheiro, mal-estar, tenente-coronel...*
- derivadas em que a última letra do primeiro elemento é igual à primeira letra do segundo elemento: *anti-ibérico, hiper-realista...*
- formas verbais seguidas de pronome pessoal dependente: *disse-lhe, disse-o, dir-te-ei...*
- encadeamentos vocabulares: *estrada Lisboa-Porto, ponte Rio-Niterói...*

GUIÕES DE LEITURA E ESCRITA – CENÁRIOS DE RESPOSTA

O RAPAZ DE BRONZE

Pré-leitura

1.1. Na ilustração da capa, representa-se um rapaz com tons que se aproximam do bronze, o que se relaciona com o título da obra.

3. As fontes de inspiração da autora foram a quinta da sua avó, com os jardins, os bosques, as avenidas, os parques e os pinhais que rodeavam a casa, e um conto para crianças de Maurice Baring.

Leitura e Escrita

As flores

1. O campo lexical é constituído pelas seguintes palavras e expressões: «tílias», «bétulas», «carvalhos», «magnólias», «plátanos», «roseirais», «jardins de buxo», «pomares», «camélias», «avencas», «plantas», «plátanos», «morangos selvagens», «trigo», «papoilas», «pinhal», «mimosas», «pinheiros», «urzes», «fetos».

2. b).

3. Trata-se de um dos jardins de buxo.

3.1. O narrador concentra a sua atenção nesse jardim de buxo, porque é lá que se encontra um canteiro com gladiólos, que são as flores descritas a partir desse momento do texto.

4.1. a).

4.2. b).

5. Rosas: flores sentimentais e fora de moda; Cravos: cheiravam a dentista; Papoilas e girassóis: eram plantas selvagens; Flores da urze e flores de tojo: nem eram flores; camélias: esquisitas e irritantes por serem distantes e pouco mundanas.

6. Os gladiólos admiravam as «flores estrangeiras da estufa», porque eram flores delicadas, que nunca saíam da estufa e que tinham o seu nome escrito numa placa em latim. O facto de serem estrangeiras e receberem um tratamento especial fazia com que os gladiólos as vissem como pertencendo a uma minoria privilegiada da sociedade das flores.

7. Habitualmente, diz-se que alguém é uma «flor de estufa» quando é demasiado frágil ou delicado, não podendo expor-se em demasia.

7.1. As flores de estufa não podiam sair à noite, porque tinham medo de se constipar, o que se relaciona com o significado da expressão «flor de estufa» atribuída a alguém que é demasiado frágil.

8. Os buxos riam-se baixinho e faziam troça do comentário dos gladiólos.

8.1. Os gladiólos eram demasiado tolos e exuberantes, falando em voz alta e barulhenta, pelo que nem se apercebiam do que os buxos diziam e pensavam deles.

9. Tulipas: Tinham por elas uma admiração sem limites, que os levava a colocarem-se ao seu serviço, pondo de lado a sua vaidade. Tinham o desgosto de não serem como as tulipas, que eram caras, raras e muito bem vestidas, com cores sumptuosas e as pétalas mais bem cortadas e mais bem armadas que havia no jardim. Admiravam também o seu feitio e o facto de serem descendentes das tulipas holandesas do Príncipe de Orange; Flor de *muguet*: Detestavam-na, porque vivia escondida durante o inverno, mas na primavera as suas folhas verdes furavam a terra e cresciam até um palmo de altura, começando então as suas flores a abrir-se e a lançar o perfume que o vento da tarde espalhava por todo o jardim, a anunciar a primavera. Para os gladiólos, este comportamento da flor de *muguet* era puro exibicionismo.

O Gladiólo

1. No segundo capítulo, destaca-se um dos gladiólos, porque era o mais mundano de todos.

2. O Gladiólo considerava que era uma sorte pertencer à «classe» das flores que eram colhidas, ou seja, que estavam na moda.

3. Uma vez que o Gladiólo não admitiu a verdadeira razão pela qual não foi colhido e inventou uma outra justificação, podemos considerar que prefere viver na ilusão em vez de aceitar a realidade, nem que tenha de mentir para manter essa ilusão.

4. O Gladiólo deixou-se maravilhar pelos aspetos exteriores, pelo que se revelou uma personagem fútil.

4.1. O Carvalho, que já tinha muita idade, não se deixou impressionar pelo aspeto exterior das pessoas da festa, conseguindo ver para além do luxo e da elegância que elas exibiam.

5. Homem novo (gladiólo) — tal como o gladiólo, é um snobe: é mundano, gosta de ser convidado para acontecimentos sociais; mulher de cabelo preto, com vestido de cetim amarelo (tulipa) — tal como a tulipa, é a mais chique e a mais bem vestida da terra; senhora vestida de lilás (begónia) — é inglesa, ou seja, é estrangeira como as flores da estufa; senhora magra, alta e vestida de preto (orquídea) — é americana, ou seja, é estrangeira, e tem uma casa toda feita de vidro, que se parece com a estufa onde vivem as flores estrangeiras.

6. O que torna essas pessoas interessantes para o Gladiólo é o seu luxo, a sua elegância e o seu mundanismo, ou seja, a sua aparência.

6.1. A partir do que se diz da Dona da Casa na p. 24, podemos concluir que as pessoas que frequentavam as festas têm pouco interesse individualmente e disfarçam essa falta de interesse com o convívio nas festas.

7. O Gladiólo é uma flor influenciável, porque decide dar uma festa igual àquela a que assistiu sentado nos ramos do Carvalho.

8. O Rapaz de Bronze era uma estátua que representava um rapaz feito de bronze. À noite, ganhava vida e era o senhor do jardim, a quem todos obedeciam.

9. d). A descrição do lugar onde vive o Rapaz de Bronze sugere a forma arredondada de vários círculos, do maior (formado pelas «árvores altíssimas» que rodeavam o pequeno jardim), passando por um círculo intermédio (no meio do jardim havia um «lago redondo»), ao círculo menor (no centro do lago, havia uma «ilha muito pequena»).

9.1. O Rapaz de Bronze ocupa um lugar central no comando do jardim, pois todas as decisões passam por ele, o que está de acordo com a sua morada, que também fica no centro de uma ilha, localizada no centro de um lago que, por sua vez, também se encontra no centro do pequeno jardim.

10. O Gladiólo revelou ser preconceituoso, porque não desejava que a Rosa integrasse a «Comissão de Organização do Grande Baile de Flores», por considerar que era uma flor fora de moda.

Florinda

1. Mensageiras: três borboletas; dificuldades na divulgação da sua mensagem e respetivas causas: as mensageiras foram poisando em muitas flores, voando de um lado para o outro a dar a notícia, e o jardim encheu-se de rumores; problemas na elaboração da lista de convidados: O Gladiólo e a Tulipa tinham considerado um número limitado de famílias convidadas, mas o Cravo, a Rosa e o Rapaz de Bronze opuseram-se; local selecionado para a festa: Clareira dos Plátanos; Orquestra selecionada: rãs, cucos, pica-paus, rouxinóis, melros, moscardos, sapos-tambores; ornamentação do local da festa: fileira de pirilampos à roda do lago e uma pessoa na jarra de pedra, ao centro.

2. a) Do aspeto geral («Era um lugar maravilhoso. Era um vasto espaço redondo todo cercado de altíssimos arvoredos») para os aspetos particulares («lago oval», «caramanchão romântico», «velhos bancos de pedra cobertos de musgo», «jarra de pedra»); **b)** «no meio do parque», «No fundo», «ao lado do», «Em volta, à sombra dos», «no meio da»; **c)** pretérito perfeito do indicativo («ficava», «Era», «havia», «estavam»); **d)** «Lugar maravilhoso», «vasto espaço redondo», «altíssimos arvoredos», «pequeno lago oval», «caramanchão romântico», «plátanos», «velhos bancos de pedra cobertos de musgo», «clareira», «jarra de pedra», «vazia».

4. A nova personagem é Florinda e é introduzida na ação através da proposta do Rapaz de Bronze de ser ela a ocupar o lugar na jarra de pedra.

5. Foram os seguintes candidatos: a dona da casa, que parecia «uma corça»; o dono da casa, que parecia «um peru»; a filha da dona da casa, que parecia «uma rosa de plástico». A candidata selecionada foi Florinda, que era «como uma flor», era «parecida com todas as flores»: os seus cabelos louros eram «como a cabeleira do girassol», os seus olhos azuis eram «como duas violetas», as suas mãos brancas e finas eram «como camélias», a sua pele fresca e macia era «como uma rosa» e a sua boca vermelha era «como um cravo».

GUIÕES DE LEITURA E ESCRITA — CENÁRIOS DE RESPOSTA

5.1. O nome Florinda relaciona-se com as comparações usadas na sua caracterização, porque nesse seu nome está presente o radical *flor*-.

A festa

1.1. d); **1.2.** c); **1.3.** b); **1.4.** a); **1.5.** b).

2. À partida, a Tulipa não seria uma flor feliz, pois parecia não conseguir desfrutar da festa das flores, permanecendo junto ao lago a olhar para o seu próprio reflexo e, depois de ser abandonada, foi incapaz de deixar de observar o reflexo do Nardo e da Flor de *muget* a dançarem um com o outro.

2.1. O Gladiolo também não se divertiu na festa, porque passou o tempo preocupado com a Tulipa, que não lhe prestava atenção.

2.2. O Gladiolo e a Tulipa lembram o par que veio até à varanda na festa das pessoas: o homem novo e a mulher de cabelo preto com vestido de cetim amarelo.

2.3. a).

3. Florinda ficou a saber que, à noite, as flores dançavam.

4. «— Sabes — dizia Florinda ao Rapaz de Bronze —, em frente da minha janela há uma tília. E no verão, quando durmo com a janela aberta, antes de adormecer olho para a tília e vejo as folhas da tília dançar, vejo-as fazer sinais umas às outras e oiço-as conversar, e oiço um murmúrio de segredos.»

5. Florinda não conseguiu acreditar nas palavras do Rapaz de Bronze («quando tu vires uma coisa acredita nela, mesmo que todos digam que não é verdade»), porque, no dia seguinte, as amigas da escola riram-se e fizeram troça da sua história e quando ela se dirigiu à estátua do Rapaz de Bronze não obteve qualquer resposta.

6. Quando Florinda tinha quinze anos, a mãe pediu-lhe que fosse levar um cesto de ovos à cozinheira e ela teve de atravessar o parque à noite.

7. As «grandes árvores escuras, carregadas de brilhos e de sombras trémulas» fizeram Florinda lembrar a festa das flores.

8. O reencontro de Florinda com o Rapaz de Bronze prova que há coisas fantásticas em que se deve acreditar, mesmo que todos digam que não é verdade.

9. As obras literárias como *O Rapaz de Bronze* permitem criar mundos fantásticos nos quais «entramos» através da leitura, sendo que, no momento em que estamos verdadeiramente envolvidos nessa leitura, a sua existência até nos parece possível.

ULISSES

Pré-leitura

3. A aventura a que a autora se propôs foi escrever as aventuras de Ulisses para crianças.

Leitura e Escrita

Páginas 7 a 11

1. c).

1.1. O narrador confessa que, quando conta uma história, lhe acrescenta sempre aspetos diferentes.

1.2. Tal como os narradores de outras histórias sobre Ulisses, também o narrador desta obra contribui para alargar o mundo percorrido por esse herói, com a sua forma particular de contar as suas aventuras.

2. Ulisses não era um rei distante. Pelo contrário, convivia naturalmente com o seu povo.

2.1. A ilha é Ítaca.

2.2. Ulisses conversava com o seu povo, mantendo uma relação próxima com ele.

2.3. Ulisses era um «moço vigoroso e valente».

3. O acontecimento que veio alterar a rotina em Ítaca foi o rapto da rainha Helena por Páris, príncipe troiano, que obrigou os gregos a partir para a guerra.

3.1. Ulisses procurou evitar a sua partida para Troia porque só o mar o entusiasmava e não gostava da guerra.

3.2. Os versos referem-se ao mar. A repetição do nome «mar» sugere o movimento repetitivo das ondas, assim como o tamanho dos versos, que vai alternando, sugere o movimento das mesmas.

3.3. Ulisses finge que enlouquece e vai lavrar o campo, mas os amigos, desconfiados, põem-lhe o seu filho Telémaco no caminho da charrua. Ulisses vê-se então obrigado a desviar a charrua, provando que ainda tem juízo. É, assim, desmascarado pelos seus amigos.

Páginas 12 a 16

2. As expressões destacadas no texto são referências temporais e encontram-se nas passagens seguintes: «Passaram dois dias / três dias / quatro dias» e «Um dia / dois dias / três dias se passaram». Estas expressões transmitem-nos a passagem do tempo.

3. O narrador usa a anáfora para sugerir a frequência dos comportamentos dos troianos durante os festejos em honra dos deuses: «Beberam, comeram, ofereceram sacrifícios...», «Beberam, comeram, dançaram...»

Páginas 18 a 36

1. Ulisses e os seus marinheiros foram conduzidos à Ciclópia por uma estranha corrente submarina.

1.1. A passagem que revela a apreensão de Ulisses é a seguinte: «— Ai, meus amigos, onde nós viemos parar!»

1.2. Ulisses mostrou-se apreensivo porque os habitantes daquele arquipélago eram os ciclopes, uma espécie de gigantes com um só olho no meio da testa, que eram devoradores de homens.

1.3. Ulisses e os seus companheiros encontravam-se na Ciclópia e tudo era ciclópico, ou seja, gigantesco, nesse lugar.

2. Os marinheiros viram-se no meio de um rebanho enorme e, a guardá-lo, estava um cyclope extraordinário.

2.1. Os marinheiros esconderam-se no meio do rebanho e rastejaram com cautela até à entrada de uma gruta, onde se refugiaram.

2.2. O narrador explica que os primeiros marinheiros, não conhecendo bem o mar, acreditavam na existência de seres fantásticos.

2.3. O narrador refere-se ao gigante Adamastor, imaginado por Camões para representar o medo do desconhecido.

4. a) O momento em que Polifemo engoliu vários marinheiros; **b)** «Os fortes marinheiros pareciam bonecos nas suas mãos brutais, ou uvas que com os seus dedos peludos ele ia colhendo e depois engolindo sofregamente.»; **c)** Ulisses falou da sede que Polifemo devia sentir e ofereceu-lhe vinho; Ulisses pediu a Polifemo que deixasse os marinheiros saírem vivos da sua gruta; Polifemo disse a Ulisses que ele seria o último a ser devorado; Ulisses perguntou a Polifemo por que razão se encontrava sozinho naquela ilha e ele contou-lhe a sua história; Polifemo perguntou a Ulisses como é que se chamava e Ulisses respondeu-lhe que se chamava Ninguém.

5. A configuração gráfica do texto sugere a aflição de Ulisses, que se esforçava por se lembrar do melhor nome para dizer ao Cyclope. A repetição da expressão «um nome qualquer» sugere esse esforço de Ulisses e os espaços em branco na página correspondem aos momentos em que Ulisses, desesperado, tenta que esse nome lhe venha à mente.

6. c), g), a), f), d), b), e).

7. O facto de Ulisses ter dito que se chamava Ninguém permitiu que Polifemo respondesse aos restantes ciclopes que ninguém o tinha atacado, o que os levou a abandonar a ilha. Ao ouvir Polifemo dizer que só o seu rebanho sairia na manhã seguinte, Ulisses propôs aos companheiros atarem-se por baixo das ovelhas para se escapulirem da caverna. Não podendo atar-se a si próprio, Ulisses escolheu o carneiro com mais lâ para se agarrar a ele e sair da caverna sem ser descoberto por Polifemo.

8. A forma verbal «avançava» apresenta diferentes configurações gráficas para sugerir a aproximação do Cyclope e o perigo que isso representava para os marinheiros. Essas diferentes formas de apresentar a palavra conferem maior emoção ao momento da fuga dos marinheiros.

9. A interjeição «Uff!», usada por Ulisses no final deste episódio com o Cyclope, revela o seu cansaço e o seu alívio após o terrível encontro com Polifemo.

Páginas 36 a 39

1. a) Eólia;

b) Eolo, rei dos ventos;

GUIÕES DE LEITURA E ESCRITA – CENÁRIOS DE RESPOSTA

- c) Ajudá-lo a encontrar o caminho para Ítaca, afastando dele e dos seus marinheiros os naufrágios e as tempestades;
d) Um saco feito da pele de um dos seus bois, dentro do qual estavam fechados todos os ventos violentos;
e) Recomendou-lhe que não deixasse ninguém abrir o saco;
f) Ulisses chamou quatro valentes marinheiros para transportarem o saco;
g) Estranharam o peso levíssimo do saco;
h) Não conseguiam evitar a curiosidade em relação ao conteúdo do saco;
i) Acabaram por abrir o saco enquanto Ulisses dormia;
j) Os ventos saltaram do saco e provocaram uma enorme tempestade, o barco foi lançado para a Eólia e o rei Eolo, furioso com a desobediência dos marinheiros, recusou-se a recebê-los.
2. As frases interrogativas transmitem a curiosidade dos marinheiros, que se interrogavam sobre o conteúdo do saco.
3. A tempestade é descrita na passagem seguinte:
«[...] saltaram de lá cheios de raiva e força, revolveram os mares / agitaram as nuvens / revolveram os mares agitaram as nuvens / rebentaram em trovões / espalharam a chuva / espalharam a chuva / rebentaram em trovões / acenderam a terrível tempestade»
- 3.1. Por exemplo: sopraram violentamente / levantaram as ondas / estremeram o mar.

Páginas 40 a 46

1. Ulisses ficou no navio devido ao cansaço e à desilusão.
- 1.1. Ao ficar no barco, Ulisses evitou ser transformado em porco, como os seus companheiros.
2. c), e), h), b), g), d), a), f).
4. Apesar do perigo, Ulisses decidiu ir salvar os companheiros, revelando a sua lealdade e a sua coragem.
5. Ulisses vai ao encontro de **Circe**, que estava disposta a transformá-lo também num **porco**, mas **Minerva** tinha dado a **Ulisses a erva da vida** e, assim, **Circe** não pôde enfeitá-lo. Perante isto, **a feiticeira** indagou se ele seria um **deus** e declarou que, se fosse um homem, só poderia ser o famoso **Ulisses**. **Circe** apaixonou-se por **Ulisses**, mas este falou-lhe de **Penélope**, sua mulher. Tempos depois, **Circe** concordou em libertar o herói, desencantou os seus **companheiros** e pediu-lhe que fosse à **Ilha dos Infernos** falar com o **Profeta Tirésias**. Aconselhou-o ainda em relação ao perigo do **canto** das **sereias**, do qual se protegeria se pusesse **cera** nos **ouvidos**.

Páginas 46 a 54

1. A Ilha dos Infernos é a «ilha da desolação», porque apenas vagueavam por lá as almas dos mortos e as sombras.
2. A Ilha dos Infernos tinha enormes pedras negras, as suas terras eram nuas, havia cinzas ainda quentes e buracos como vulcões fumegantes. O seu guarda era Cérbero, um cão enorme de três cabeças.
3. Ulisses usou o segredo que Circe lhe ensinara. Entrou na gruta quando Cérbero tinha os olhos abertos. O seu primeiro desgosto no Reino dos Infernos foi encontrar a sombra da sua mãe, que julgava ainda estar viva.
4. Ulisses ofereceu carne de ovelha negra à sombra da sua mãe, para poder comunicar com ela.
- 4.1. a) Ulisses partira havia cerca de dezoito anos.
- c) As façanhas de Ulisses eram cantadas por todo o seu povo.
- d) Telémaco navegava pelos mares em busca de Ulisses.
- e) Os pretendentes vinham de todas as partes do mundo.
- f) Penélope soubera defender-se, dizendo que escolheria um marido quando terminasse de tecer uma «teia», que desmanchava em segredo todas as noites, para adiar o momento dessa escolha.
5. O Profeta Tirésias apressou Ulisses a regressar a Ítaca, porque o seu povo estava em sofrimento e arruinado devido aos gastos dos pretendentes.
6. Ulisses encontra a sombra de Tântalo, que fora muito cruel em vida, negando-se a ajudar os que se aproximavam dele com fome e sede, e cujo castigo eterno era estar ele próprio cheio de sede e fome, com água e comida deliciosa quase ao seu alcance, mas sem nunca lhes poder tocar. Vê

também a sombra de Sísifo, que fora um rei desumano, castigado a empurrar eternamente um enorme rochedo por uma encosta acima, sem nunca conseguir chegar ao topo, pois o rochedo desprendia-se sempre e vinha parar ao ponto de partida.

Páginas 54 a 60

1. Ulisses não concordou em pôr cera nos ouvidos, pois queria ouvir o canto das sereias, e propôs então aos seus companheiros que o atassem com cordas muito fortes ao mastro principal do navio.
2. As sereias, no seu canto, chamaram por Ulisses, dizendo-lhe que era Penélope que lhe pedia para a salvar.
3. O narrador repete a expressão «a remar», para sugerir o movimento contínuo dos marinheiros no seu esforço para saírem do mar das sereias, e repete o nome Ulisses dito pelas sereias com o objetivo de encantarem o herói, colocando-o em perigo.
4. A palavra «Só» aparece destacada no texto, porque após a passagem por dois rochedos enormes, que engoliram e esborracharam os companheiros de Ulisses, e após o violento naufrágio, o herói ficou completamente sozinho.
5. Ulisses narrou a sua própria história em Cócira, a pedido de Alcino, rei dos Feácios, que o acolheu na sua corte, após a sua filha Nausicaa o ter descoberto desmaiado na praia.
6. Ulisses regressou a Ítaca no navio oferecido pelo rei Alcino, cujos marinheiros o tinham colocado adormecido na praia de Ítaca, deixando a seu lado os presentes oferecidos pelo rei dos Feácios.

Páginas 60 a 68

1. Ulisses teve este pensamento porque acordou sozinho no meio de uma praia imensa e julgou que estava ainda distante de Ítaca.
2. a) Transforma Ulisses num mendigo roto, velho e triste; b) Acolhe Ulisses sem saber quem ele é; c) Recolhe as armas dos pretendentes e seus criados, dizendo que precisam de ser limpas, e depois ataca-os, juntamente com o pai; d) Acolhe o «mendigo»; e) Reconhece Ulisses a partir da sua cicatriz no joelho e guarda segredo sobre a identidade do «mendigo».
3. O exemplo de tripla adjetivação é o seguinte: «o **valente, belo e manho-so** Ulisses».
4. Ao observarem a expressão triste de Telémaco, os pretendentes conven-tem-se de que, mais uma vez, ele não conseguira encontrar o pai, pelo que ficam descansados quanto à eventualidade do regresso de Ulisses.
5. Argus foi o único ser vivo que reconheceu Ulisses e morreu de emoção ao ver o dono ao fim de tantos anos.
6. A anáfora emprega no final do texto corresponde à utilização da expressão «E depois» no início de várias frases: «E depois era já o povo que acorria e rebentava mesmo as portas, entusiasmado»; «E depois era Telémaco, orgulhoso de seu pai e de si próprio»; «E depois era Penélope que Ulisses abraçava para nunca mais deixar»; «E depois era uma história de um herói de mil façanhas chamado Ulisses [...]». A anáfora reforça a ideia de que se sucederam vários acontecimentos felizes coincidentes com a vitória de Ulisses.

PRIMEIRO LIVRO DE POESIA

Pré-leitura

1. Todos os textos são poemas em língua portuguesa destinados a um público infantil-juvenil.
2. A seleção dos poemas foi feita pela escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen e as ilustrações pelo escritor Júlio Resende.
3. A ilustração representa um jovem, o público-alvo deste livro, e um instrumento musical de cordas, que pode ser associado ao ritmo e às sonoridades da poesia.
4. Um livro de poesia pode ser lido respeitando a ordem de apresentação dos textos ou de forma salteada e descontínua, pois cada poema tem uma unidade de sentido e vale por si mesmo.
- 5.1. Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor.

GUIÕES DE LEITURA E ESCRITA — CENÁRIOS DE RESPOSTA

5.2. São poemas da tradição popular, dos quais se desconhece a autoria e a data de criação: «Cantiga dos Reis» (página 13), «A nau catrineta» (página 38), por exemplo.

5.3. Não, porque se verifica que os poemas não estão organizados por ordem alfabética, por datas ou pela nacionalidade dos autores.

6.1. Um posfácio é uma explicação colocada no final de um livro. Neste caso, foi escrito por Sophia de Mello Breyner Andresen, que fez a seleção dos poemas.

6.2. a) Como um livro de iniciação à poesia, destinado a crianças e adolescentes; **b)** Os poemas estão organizados pela sua complexidade, do mais fácil ao mais difícil, destinando-se os primeiros às crianças e os seguintes aos adolescentes.

6.3. Segundo a autora, «a poesia é oralidade», logo os seus sons e ritmos só podem ser aprendidos numa leitura em voz alta.

6.4. Existem mais textos portugueses destinados à infância e à juventude.

7. Um glossário é um dicionário de palavras de significado difícil.

O PRINCIPEZINHO

Pré-leitura

1. capa: a), b), c), d), e); contracapa: a), b), c), e), f); lombada: a), b), c).

1.1. a) A ilustração permite visualizar o príncipezinho referido no título e o seu planeta de origem, referido na contracapa; **b)** São dadas informações sobre a importância desta obra, nomeadamente as traduções e os milhares de leitores; para além disso, na contracapa são desvendados alguns temas abordados.

2. O nome da tradutora, Joana Morais Varela.

3.1. Conclui-se que a obra é muito procurada e lida ano após ano.

4.1. «Para Léon Werth»; «Para Léon Werth, Quando ele era pequeno.»

4.2. Justificar perante as crianças o facto de ter dedicado o livro a um adulto, pois esse adulto, que também já foi criança, é o seu maior amigo e precisa de ser apoiado.

Leitura

Capítulo I — Aconteceu na infância

1. O narrador é participante: «quando eu tinha seis anos»; «O meu desenho número 1»...

2. Entre os seis anos do narrador e a idade adulta.

3. Da informação de que «a jiboia engole a presa inteira, sem mastigar».

4.1. As crianças conseguem imaginar aquilo que os adultos já não conseguem.

5. Porque não conseguem ver nele o que a criança consegue e consideram que o narrador deve dedicar-se a outras áreas de estudo, que, na perspectiva dos adultos, serão mais promissoras.

5.1. Enquanto criança, o narrador tinha de explicar os seus desenhos aos adultos, o que era muito cansativo. Por isso, escolhe a profissão de aviador e abandona o desenho.

6. O narrador pretende verificar se as pessoas são lúcidas e mantêm a capacidade de imaginar, mas nunca é bem-sucedido.

6.1. Quando percebe que as pessoas são incapazes de entender um simples desenho, desiste de tentar explicá-lo e finge interessar-se por aquilo que os outros esperam que ele se interesse.

Capítulo II — O encontro com o príncipezinho

1. a) encontra no isolamento do deserto a solução para a sua solidão; **c)** mantém, enquanto adulto, características da criança que foi.

2. O isolamento do narrador e os consequentes perigos a que se encontra exposto.

3. O narrador faz um desenho, talvez por ser a única forma de descrever pormenorizadamente aquela criança.

5. O narrador fica estupefacto pela improbabilidade de aparecer alguém no meio do deserto, sobretudo uma criança.

6. O narrador dirige-se às pessoas a quem está a contar a história.

7. Ao contrário dos adultos, a criança entende logo o desenho do narrador.

8. O rapaz exige que o desenho se pareça mesmo com uma ovelha jovem e saudável.

9. Provavelmente por causa do seu aspeto físico, das roupas que usava e da sua determinação.

Capítulos III a IX — O dia a dia com o príncipezinho

1. Não, porque o príncipezinho raramente respondia às perguntas do narrador, preferia ser ele a fazer perguntas.

2.1. A importância que essas pessoas dão aos números e à quantidade, mais do que às emoções.

2.2. Ao contrário dos adultos, que não entendem e criticam as crianças, estas entendem e aceitam os adultos e são condescendentes com eles.

3. O desenho relembra-o da criança que foi e ajuda-o a não esquecer o príncipezinho, nem o que aprendeu com ele.

4. a) do asteroide B612; **b)** é um planeta muito pequeno; **c)** para que ela coma os embondeiros pequenos, de forma a impedir que eles cresçam e ocupem todo o planeta.

6. a) O narrador descobriu que o príncipezinho gostava muito de ver o pôr-do-sol, porque alivia a tristeza, e que, no seu asteroide, podia ver o sol pôr-se várias vezes por dia; **b)** No quinto dia, descobre que no planeta do rapaz há uma flor única.

7. Como não está a prestar atenção ao que o príncipezinho diz, este zanga-se com o narrador e acusa-o de insensibilidade, uma característica dos adultos.

8. O facto de estar sempre a fazer exigências.

9. a) deixou tudo limpo e em ordem no seu planeta, arrancou os rebentos de embondeiro e protegeu a flor; **b)** que ela também gostava muito dele e que estava arrependida por o ter tratado tão mal.

Capítulos X a XV — Do asteroide à Terra

1.º planeta — 325

1. Um rei.

1.1. O rei estava ricamente vestido e recebeu o rapaz com grande satisfação, porque podia fazer aquilo que mais gostava – ordenar («Aproxima-te»; «Proíbo-te»; «Ordeno-te»). Tratava-se de um rei absoluto que não admitia desobediências e, por isso, evitava pedir o que não podia ser cumprido.

2. a) aprendeu que a autoridade se baseia no bom senso; **b)** aprendeu que um verdadeiro sábio é capaz de julgar-se a si próprio, o que é mais difícil do que julgar os outros.

3. Não, porque sabe que não é sensato obrigar o príncipezinho a ficar, mas não hesita em tentá-lo.

4. A tirania.

2.º planeta — 326

1. O vaidoso, como qualquer vaidoso que se preze, trata o príncipezinho por «admirador», porque entende que vive para ser admirado, elogiado, bajulado.

2. Porque raramente recebe visitas, logo raramente é elogiado.

3. ... espera que os outros pensem apenas nele e o elogiem permanentemente.

3.º planeta — 327

1. Um bêbedo.

2. Porque se sentiu incapaz de ajudar aquele homem que sofria por causa do seu vício e por causa da vergonha que este lhe causava e que tentava disfarçar bebendo mais.

4.º planeta — 328

1. Aquele que nunca desviava a atenção da sua missão – amearhar.

2. Que não vale a pena juntar coisas de que não podemos usufruir e que só interessam as coisas de que gostamos e que precisam de nós.

5.º planeta — 329

1. O quinto planeta era o mais pequeno de todos e nele apenas cabiam um candeeiro e um acendedor de candeeiros.

2. Porque o seu trabalho é útil.

3. Porque os dias e as noites sucedem-se tão rapidamente que ele está sempre a acender e a apagar o candeeiro e não tem tempo para fazer aquilo de que mais gosta – dormir.

GUIÕES DE LEITURA E ESCRITA — CENÁRIOS DE RESPOSTA

6.º planeta — 330

1. O geógrafo refere-se ao príncipezinho como «um explorador», porque é a pessoa que mais lhe convém encontrar.

2.1. «Efémero», que significa passageiro; pouco duradouro.

2.2. Que ela é efémera e está, por isso, condenada a desaparecer.

3. a) vaidoso; b) homem de negócios; c) rei; d) bêbedo; e) acendedor; f) geógrafo.

3.1. Como sendo «muito esquisitas».

Capítulos XVI a XXIII — Na Terra

1. A sua imensidão.

2. Dos homens.

2.1. A serpente: os homens são seres solitários, mesmo quando estão ao pé de outros homens («— Também se está sozinho ao pé dos homens.» — pág. 60); a flor de três pétalas: os homens são instáveis («Não têm raízes e isso é incómodo para eles.» — pág. 62); o eco: os homens estão sempre a repetir-se a si próprios, têm pouca imaginação («E os homens têm cá uma falta de imaginação! Só sabem repetir o que se lhes diz...» — pág. 64); as rosas: Existem poucas coisas únicas e nossas («— Julgava-me importante por ter uma flor única no mundo e, afinal, tenho uma rosa vulgar.» — pág. 66); a raposa: os homens deixaram de reconhecer a importância da amizade («[...] os homens deixaram de ter amigos.» — pág. 69); o agulheiro: os homens nunca estão satisfeitos («— Nunca se está bem onde se está.» — pág. 75); o vendedor: os homens arranjam problemas para procurarem as soluções e não aproveitam o tempo («Eu cá se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, punha-me era a andar muito calmamente à procura de uma fonte.» — pág. 76).

3. a) Nem sempre as palavras resolvem problemas, pelo contrário, podem criá-los; por isso, é importante saber ver os outros; b) Aquilo de que gostamos é verdadeiramente nosso e único; c) As coisas importantes são sentidas e não avistadas.

Capítulos XXIV e XXV — O poço

1. Que a beleza das coisas está na forma como olhamos para elas.

2. Simboliza a possibilidade de continuar a viver.

3. Aquela água em particular é tão importante, porque, para além de simbolizar a vida, ela é também a recompensa pelo esforço.

4. O príncipezinho lembra o narrador da sua promessa de desenhar um açai-me para a ovelha. O narrador percebe que está na hora de o rapaz partir.

Capítulos XXVI e XXVII — A partida

1. O príncipezinho tem de partir porque já passou um ano na Terra e a flor está sozinha no seu planeta.

2. A serpente.

3. Que é indestrutível.

«A ÁRVORE»

Pré-leitura

1.1. A ilustração representa uma árvore de grandes dimensões, com uma copa muito larga.

1.2. Entre outros bens, essa árvore contribuirá para purificar o ar e poderá dar abrigo e alimento.

2.1. A autora terá incluído este provérbio na sua Nota com vista a alertar o leitor para o facto de ter alterado os dois contos tradicionais japoneses que a inspiraram.

Leitura e Escrita

1.

1. A expressão típica do começo de um conto tradicional é «Era uma vez».

1.1. O conto começa com essa expressão típica dos contos tradicionais, porque a sua origem é popular.

2. A ação localiza-se numa ilha muito pequena do arquipélago do Japão, num tempo muito antigo.

2.1. O leitor é informado do facto de haver uma árvore enorme nessa pequena ilha do Japão.

3.1. b).

3.2. d).

4.1. Visão: larga sombra; tato: «grossura rugosa», «leve frescura da sombra»; audição: «o suspirar da brisa»; olfato: «folhagens perfumadas».

5. A passagem que anuncia essa alteração é a seguinte: «Mas com o passar do tempo surgiu um problema terrível [...]».

5.1. Trata-se da conjunção coordenativa adversativa «Mas».

6. A causa dessa mudança foi a árvore ter crescido excessivamente.

6.1. A palavra é a conjunção subordinativa causal «Porque».

7. a).

8. Como metade da ilha ficava na sombra da árvore, nessa zona as casas ficaram húmidas, as ruas tornaram-se tristes, as hortas não davam legumes, os jardins não davam flor e os habitantes andavam sempre pálidos e constipados.

9. As frases do tipo interrogativo transmitem a preocupação dos habitantes da ilha, que não sabiam o que fazer.

2.

1. b), d), f).

2. Os dois sentimentos são a tristeza e o medo.

2.1. A enumeração é a seguinte: «Houve choros, lamentações, gemidos.»

2.2. Os habitantes da ilha veneravam a sua árvore, admirando-a pela sua beleza e pelo facto de ser muito antiga.

3.

1. Os habitantes começaram a desfazer a árvore muito depressa, porque, depois de cortada, ela ocupava muito espaço.

1.1. Os advérbios «muito depressa» são usados pelo narrador para indicar o ritmo a que o povo da ilha trabalhou.

2. Os habitantes da ilha partilharam a madeira dos ramos e das pernas da árvore.

3. A enumeração «fabricaram pequenas mesas, outros varandas para as suas casas, outros caixilhos para biombo, outros caixas, tabuleiros, tigelas, colheres, pentes e ganchos» revela-nos que: a) a árvore era, de facto, muito grande, porque foi possível fabricar muitas coisas diferentes; b) o povo da ilha tinha um grande sentido prático, porque fabricou coisas que lhe eram úteis.

4. A população recusou-se a vender a madeira do tronco da árvore aos viajantes e armadores que passavam pela ilha.

4.1. A população quis manter o restava da sua árvore, recusando-se a deixar que a madeira do tronco saísse da ilha.

4.2. A população decidiu construir o seu próprio barco.

5. A valorização do povo japonês encontra-se na frase seguinte: «E como são um povo muito inteligente, os japoneses trabalham muito bem, muito depressa e com muito esmero e são ótimos carpinteiros.»

6. O tronco da árvore foi transformado numa «grande e linda barca toda esculpida e pintada de muitas cores».

6.1. A população ficou muito feliz com a recuperação do tronco da árvore: «Então houve uma grande festa [...]. À noite houve fogo de vista e em todas as ruas e praças se acenderam balões de papel, azuis, amarelos e vermelhos.»

4.

1. a) «De aí em diante»; b) «muito mais animada e variada», «muito mais ricos»; c) utiliza-se o grau comparativo de superioridade para indicar que a vida do povo da ilha melhorou significativamente em relação ao passado.

2. Os advérbios «Antes» e «Agora» são utilizados para estabelecer a comparação entre a vida dos habitantes da ilha antes da construção da barca e a sua vida depois de a terem construído.

3. Destaca-se o sentido da visão, como podemos observar nos exemplos seguintes: «iam até ao largo ver a lua cheia sobre o mar»; «para irem ali admirar os recortes negros dos rochedos sobre a claridade clara e azulada do luar»; «comparavam tudo o que tinham visto».

4. A árvore continuou a permitir que os habitantes fizessem passeios coletivos no verão e no outono e que se reunissem no inverno a comentar esses passeios.

GUIÕES DE LEITURA E ESCRITA — CENÁRIOS DE RESPOSTA

5.

1. No lugar da antiga árvore, nascem cerejeiras.
2. Os habitantes da ilha passaram a festejar a cerejeira em flor no início da primavera.
3. Os pedreiros, tanoeiros e carpinteiros trabalhavam com empenho e alegria.
4. As passagens seguintes apresentam o modo como é celebrada a chegada da primavera pelos habitantes da ilha: «Havia grande azáfama e pelas ruas passavam pessoas muito apressadas: iam a correr às lojas de tecidos comprar quimonos [...]»; «No centro da povoação aparecia então o macaco amestrado, vestido com um casaquinho azul e acompanhado pelo seu dono. E em redor juntavam-se as crianças e adultos para admirarem as habilidades do animal sábio.»; «[...] um grande leão de papel que vinha pela rua fora numa andar baloiçado, acompanhado por dois homens vestidos com quimonos amarelos.»; «Então os homens do quimono amarelo começavam a rufar os tambores e o leão começava a dançar. E um dos homens cantava [...]».
5. O poema incluído nesta parte do conto é um poema tradicional japonês, que a autora leu em inglês e que traduziu para português.

6.

1. d).
2. As frases em discurso direto servem para transmitir as saudades que os habitantes da ilha ainda sentiam da sua árvore.
- 2.1. Utilizam-se as frases exclamativas porque as personagens exprimem os seus sentimentos em relação à sua antiga árvore.

7.

1. A expressão temporal é a seguinte: «Até que».
2. A interjeição e a frase exclamativa transmitem a imensa tristeza dos habitantes da ilha ao verificarem que a madeira da quilha da barca tinha começado a apodrecer.
3. O povo da ilha não se deixa levar facilmente pelos lamentos, pois reage logo com uma solução, que foi a de comprar madeira nas outras ilhas, para se construir uma nova barca.
4. b), c).
5. A poesia cumpre o desejo dos habitantes da ilha porque mantém a memória da antiga árvore: «A árvore antiga / Que cantou na brisa / Tornou-se cantiga.»
- 5.1. Tendo sido construída com a madeira do cerne da árvore, que foi a única que resistiu à passagem do tempo, a *biwa* tem um caráter especial, permitindo, através da música e da poesia, perpetuar a memória dessa árvore.

«O ESPELHO OU O RETRATO VIVO»

Pré-leitura

- 1.1. Os artigos de dicionário dizem respeito a palavras relacionadas com o culto da própria pessoa e com a vaidade, o que poderá ser associado ao espelho, pois esse objeto permite que alguém observe o seu próprio aspeto e, em alguns casos, esse comportamento pode tornar-se num sinal de vaidade.

Leitura

1. Início: quotidiano da família — «Em tempos muito antigos [...]»; A família vivia feliz numa aldeia do Japão, numa casa muito limpa e bonita; a filha e a mãe eram muito parecidas.
Desenvolvimento: 1.º momento — «Mas um dia [...]» — O pai teve de ir a Kioto, capital do Japão, tratar de negócios; a mulher afligiu-se, mas o marido sossegou-a e partiu numa viagem que durou quatro meses; 2.º momento — «Até que um certo dia [...]» — O pai regressou um dia, ao fim da tarde, para grande alegria de todos; o homem deu à mulher e à filha os presentes que trouxera, incluindo um espelho que ofereceu à esposa e que a deixou maravilhada; 3.º momento — «Até que um dia [...]» — A mulher compreendeu que

estava a ficar orgulhosa da sua beleza, tornando-se fútil, tonta e vaidosa e guardou o espelho numa caixa; 4.º momento — «Mas, quando ela tinha já 15 anos [...]» — A mãe adoeceu e, com receio de que a filha descobrisse o espelho e se tornasse vaidosa, decidiu dizer-lhe que ele era o seu retrato vivo; quando a mãe morreu, a filha foi buscar o espelho, e vendo o reflexo do seu próprio rosto julgou estar a ver o rosto da sua mãe.

Conclusão: «Numa noite primaveril [...]» — O pai viu a filha a falar e a sorrir em frente ao espelho e perguntou-lhe o que fazia; a rapariga explicou-lhe que estava a falar com a mãe, que vinha vê-la todas as noites, resposta esta que deixou o pai muito comovido.

2. a) A passagem do tempo é transmitida pelas referências às alterações na natureza, em consequência da mudança das estações do ano.

b) Na infância da filha, o rosto da mãe era jovem e belo, com a pele transparente, a boca de coral e os cabelos negros e lustrosos; na altura em que a rapariga completou os quinze anos, o rosto da mãe era pálido, doentio e mostrava o seu cansaço.

3. À medida que o tempo passava e a rapariga crescia, esta ia ficando cada vez mais parecida com a sua mãe.

4. As marcas temporais são as formas verbais «estarei» e «lembrarás» no futuro do indicativo e a expressão «todos os dias». Estas marcas temporais relacionam-se com o amor entre mãe e filha, que desejariam ter ficado juntas para sempre.

5. O espelho permite anular os efeitos do tempo, porque a filha tornou a ver o rosto da mãe como ele fora no passado, na sua infância.

6. O espaço da ação do conto é uma pequena aldeia do Japão. Daí encontrarmos passagens como as seguintes, no que respeita à caracterização física e aos comportamentos das personagens: «olhos escuros, talhados em amêndoa, a mesma pele clara e transparente, o mesmo nariz pequeno e redondo e o mesmo cabelo preto, liso, abundante e lustroso»; «Depressa a mulher desenrolou e alisou os seus longos cabelos lustrosos, penteou-os em grossos rolos e chinós, enfeitou-os com os seus mais belos ganchos, vestiu o seu mais belo quimono de seda [...]»; «E, quando o homem chegou ao limiar da porta, a mãe e a filha já o esperavam e ambas se inclinaram para o receber»; «Depois, sentados sobre a esteira, à volta de uma mesa pequena e baixa juntaram os três [...]»; «[...] um quimono azul igual ao meu»; «[...] os seus olhos em amêndoa, o oval da sua face, a sua boca cor de coral [...]»; «Ajoelhou-se na esteira do chão [...]». Do mesmo modo, encontramos palavras e expressões que se relacionam com o espaço da ação: «O chão estava coberto por esteiras de palha e os quartos eram divididos por biombos de correr forrados de papel»; «[...] rolos de tecidos de seda e de algodão e leques e ganchos de cabelo esculpidos [...]»; «[...] à doce luz da lanterna de papel»; «[...] caixa de charão [...]».

7. A conjunção coordenativa usada no título do conto indica as funções alternativas do objeto que o pai trouxera de presente: por um lado, era um espelho; por outro lado, para a filha, esse objeto foi sempre o retrato vivo da sua mãe.

Pós-leitura e Escrita

1. O conto de Sophia de Mello Breyner Andresen opõe-se ao mito de Narciso, porque a mãe recusou tornar-se vaidosa, preferindo não se ver mais ao espelho. Para a filha, esse objeto nunca serviu para admirar a sua própria beleza, mas sim para rever alguém de quem gostava muito, a sua mãe.

978-111-11-3052-7



9 781111 113052 7